

A GAIVOTA



Francisconi



A' Illustração Redacção  
do Correio da Pátria,

ott  
M. R.

## A GAIVOTA



MANOEL REIS

---

# A GAIVOTA

CONTOS



RIO DE JANEIRO  
*Typ. do Jornal do Commercio*  
Rodrigues & C.

—  
1933



## PREFACIO

Quiz a estima fraternal do Auctor destes contos que fosse eu quem escrevesse algumas palavras, á guisa de prefacio. Os leitores hão de ver que elles não precisam de recommendações, tal é a singeleza natural do estylo, que corre claro e fluente, como as aguas cristalinas de uma cascata sonora; taes as sorpresas do enredo, que se desdobra em desfechos inesperados; a diversidade dos assumptos, a graça e o senso dos conceitos; a justeza das suas observações psychologicas, principalmente acerca do velho thema do Amor, sempre vivo e renovado, atravez de todos os seculos, na infinita variedade das suas manifestações... O Auctor mostra-se grande entendido, quiçá perito nesses assumptos, embora, no estudo das mulheres, sejam sempre insufficientes ou precarias as lições da experiencia. Experiencia em amor... apenas ensina aos homens quanto é incomprehensivel a alma da mulher, sphynge indecifravel, cujos enigmas desafiam todas as argucias da intelligencia masculina e todos os processos de meticolosa e paciente observação.

Sabios nesta materia são, parece-me, talvez na minha ingenuidade, os que assentam os seus conhecimentos nestes dous postulados: — insondabilidade



dos corações das filhas de Eva, cujas excentricidades de caprichos têm todas as incoherencias peculiares á logica das paixões; certeza da sua clarividencia, em cujos milagres de intuição ellas adivinham os nossos mais occultos pensamentos. Essas duas verdades sempre presentes ao nosso espirito, nos curariam de presumpções ridiculas e nos dariam a previa convicção da nossa infallivel derrota sempre que nos aventurarmos a representar com ellas a comedia do sentimentalismo.

Só pela constancia na sinceridade conquistaremos o coração da mulher. Esta só se dará inteiramente quando sentir que ella é tudo na vida de um homem: amiga, conselheira, inspiradora, anjo tutelar da sua existencia. Não lhe basta ser instrumento de prazer, objecto de caricias amorosas, fonte das alegrias superficiaes da alma humana. Para que ella se devote completamente ao companheiro dessas alegrias, é mister que saiba e que sinta que é tambem parte integrante da existencia intellectual e moral do seu apaixonado. Na infidelidade do homem é que está toda a causa da volubidade feminina. E' na indifferença pelas qualidades moraes da mulher, no desprezo pelos prodigios da sua intelligencia e da sua sensibilidade, na ignorancia das maravilhas que esplendem no espirito da adoravel creatura, que o homem ha de encontrar a origem das suas decepções no amor, que, na sua injusta cegueira, attribue a simples ingratiidão. Essa ingratiidão é quasi sempre filha do egoismo masculino. Do egoismo, do orgulho, da falsa concepção que elle tem dos seus deveres em face do amor. O homem só poderá bem comprehender a mulher quando se convencer de que prazer não é felicidade. E que a felicidade só será attingida pela fusão das

almas, no culto constante ao objecto do seu affecto. Essa fusão moral, que identifica dous entes, transformando-os em um unico ser, é que gera a confiança absoluta, condição primeira em que se esteia a durabilidade de uma affeição leal entre os sexos.

Pensar o homem que elle pode prender a mulher sem sacrificar-lhe igualmente a propria liberdade, é perigosa fatuidade, da qual elle ha de ser sempre a maior victima. E' na mutua dedicação que se fortifica e rejuvenece o sentimento do amor. Sem absoluta reciprocidade haverá submissão, renuncia, martyrio. A ventura não poderá ser nunca filha do egoismo.

Os contos do Auctor têm por objecto, na sua generalidade, os amores ligeiros, quasi sem consequencias... Com o seu espirito de observador pratico elle descreve a vida commum, onde os grandes sentimentos só surgem esporadicamente, como rarissima excepção.

O Sr. Manoel Reis é politico. Elle expõe aos olhos do publico, nas suas interessantes narrações litterarias, alguns factos da vida intima, sua ou dos seus amigos, com subtil habilidade de um diplomata. Mas sob a finura desses disfarces sente-se quanto é rico de delicados sentimentos o espirito do narrador. Aliás, quem conhece de perto o Auctor, sabe quanto é grande o seu coração, capaz de dedicações esplendidas, mesmo no terreno da amizade. Fiel aos seus amigos, leal aos seus correligionarios, constante na observancia dos seus compromissos politicos, elle não poderia deixar de consagrar á mulher o culto de perenne adoração. E o seu romantismo amoroso se prolonga além da phase idealista da juventude. Os bellos contos que ahi estão não foram fructos da sua meninice. São



impressões de homem feito, cujo espirito os annos não conseguiram amortallar no sudario de prosaica indifferença pelas cousas nobres e bellas da vida. E' um estheta no amor, devoto da belleza. E si não faz versos, todavia a sua alma tem resonancias de poeta sonhador...

Lêde os seus contos. E verificareis que elles dispensam elogios. A minha presença como prefaciador aqui, serve apenas para nos dar a ambos o prazer de vermos os nossos nomes unidos em um só livro, tal como temos vivido longos annos de intima, profunda e indissolúvel estima. E, no mundo, entre as cousas mais nobres, brilha a amisade sincera de dous velhos amigos, que resplandece nas horas alegres e mais se robustece nos momentos amargos do nosso destino.

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1932.

MONIZ SODRÉ

e'

## A GAIVOTA

Numa linda noite de Junho de 1903, no restaurante Paris, onde, depois dos theatros, se reuniam os moços elegantes e as mariposas chics do Rio, cruzaram-se os meus olhos com os de uma jovem franzina, esguia, de rara vivacidade, que em uma mesa fronteira a que eu me achava, em companhia de varios amigos, ella e outra bebericavam, alegremente. Desejoso de lhe ser apresentado, logo desisti de tal intento, como se um aviso protector me desviasse do perigo de tal apresentação.

Contive-me, é certo, mas senti-me logo sem forças, para manter igual attitude, na hypothese de outro encontro, que era preciso evitar. Aquella creaturinha, de olhos pequeninos, tinha causado uma grande revolução em toda a minha alma de bohemio. Os meus companheiros notaram a minha preocupação. Indagavam, queriam que eu lhes dissesse que transformação tão brusca era aquella.

Como era eu o unico que não bebia, no grupo, sobre o mesmo exercia um grande poder. A minha palavra era sempre muito acatada.

Phantasiei uma desculpa qualquer, e logo a alegria entre elles recomeçou. Não lhes confessei a verdade.



As duas vizinhas partiram e a "heroína" fez, ao levantar-se, uma curvatura amavel e elegante.

A impressão fôra igual, notei.

Na forma do costume, ainda permanecemos no mesmo ponto, até altas horas da madrugada. O movimento dessa noite foi desusado. Lindas raparigas, acompanhadas ou sem companhia ali entravam e saíam. Ao contrario do que sempre acontecia, não convidamos nenhuma dessas lindas creaturas para o classico licor de Paris.

Já quasi ao deixarmos a divertida casa, os amigos, alguns alegres e outros vendo approximar-se a hora matinal do trabalho commentavam o estranho caso — era a primeira vez — durante annos seguidos, de havermos passado uma noite sem uma companhia de instantes alegres e felizes. Viajante, sem poder demorar-me no Rio, tive que partir no dia immediato.

Curado de uma dessas paixões que dominam a mocidade, fugia, temendo os novos élos com que aquelles olhos me ameaçavam.

Tomei o "bacurão", um trem enfadonho da Leopoldina, que partia de Nictheroy ás 6 da tarde. Ao meu botafóra, compareceram alguns daquelles companheiros queridos, dentre os quaes um official de marinha, meu inseparavel de todos os tempos.

Fôra o unico que percebera os motivos da minha preocupação na noite anterior.

Coincidindo, embora, o seu "adeus" com o silvo da machina, eu pude ouvir bem: "partes saudoso; na volta serás feliz".

Fiz-me desentendido, e gritei: Parto, saudoso dos amigos, até breve.

Uma nuvem de fumaça e carvão dominou logo o interior do carro.

O "bacurão" seguiu sua rota. Má luz, muita poeira, grandes solavancos, não me permittiam qualquer leitura.

Somno e cansaço de noites seguidas sem dormir, dominavam-me inteiramente a robustez physica. Adormeci. Aquella "sombra" esguia, matinal, franzina, num sonho, povoava o meu espirito:

Que delicia!

Acordei aos gritos do chefe:

Rio-Bonito. Tão longe estava daquelles mundos que acreditei na realidade do sonho e busquei a mesma fronteira: que decepção! — era um sujeito suarento, gordo, infecto: Desde essa estação não mais pude conciliar o somno e fui acordado até Macahé, ponto terminal do "bacurão".

Já em companhia de amigos segui para o centro da cidade, tomando parte nessa mesma noite numa festa familiar, de raros encantos. Ali conheci lindas moças, typos ideaes.

O casamento não me seduzia. Sempre o temi. Na verdade não sei porque. Voltamos ao Hotel, depois do baile, repousei o necessario para em seguida entregar-me aos motivos de minha viagem. O hotel da Imbetyba, construido sobre o mar, estava repleto de familias, que o procuravam naturalmente pela sua interessante e encantadora situação topographica.

Servia tambem de balsamo para os males, que muitos corações encobrem, o doce e monotono baloiçar das ondas, cujos vagalhões levavam acima das janelas do retiro aprazivel a chuva prateada de sus explosões incontidas... Deixei a linda cidade flumi-



nense e voltei ao Rio. Vinha com o proposito de offerrecer toda e qualquer resistencia áquella tentação.

Chegando pela manhã, entreguei-me cêdo aos affazeres do trabalho. Já importante, apesar de muito moço, no mundo commercial, fui com outros collegas durante o dia, como era de costume, passar alguns momentos de palestra no restaurante do "Globo", á rua 1.º de Março. Ficamos fronteiros de um enorme e antigo espelho. Olhando, despreoccupado, para a reliquia antiga do hotel, deparei com a "sombra".

Era uma realidade ou a reproducção do sonho do "bacurão"?

Voltei novamente os olhos para o espelho, e estava deante da mulher magrinha, risonha, infantil, amavel.

Ella me olhava attentamente, insistentemente. Deixei os meus companheiros, homens cheios de preconceitos, paes de familia, e approximei-me della, que num gesto de polida gentileza offereceu-me uma cadeira em frente. Houve um rapido silencio quebrado por esta exclamação:

— A senhora tão moça e tão seductoramente interessante!...

No seu silencio bregeiro deixou sem resposta a minha innocente phrase.

— Como se chama minha amiguinha?

Não respondeu.

Renovei a pergunta, teimei.

Um tanto ruborizada, respondeu:

— Que lhe interessa saber como me chamo se me não deu a menor attenção quando o conheci certa noite no Paris?

Satisfeito no meu egoismo, por ter visto confir-

mada a reciprocidade do affecto, mas disfarçando a indizivel satisfação do successo insisti.

— Como se chama, diga?

— Chamo-me "Gaivota". Está satisfeita a sua curiosidade?

— Que lindo nome.

Faz lembrar o de uma ave de linhas impecaveis, na brancura de sua formosa plumagem, em peregrinação constante, sem pouso certo, sempre voando, sempre voando, como quem procura o infinito, dominando no espaço, por sobre os mares verdes do mundo inteiro!

— Sem as linhas, e as seducções com que acaba de justificar a "Gaivota" universal, esse animal sem pouso certo, sou eu que ando á procura de uma ilha onde possa descansar das minhas desillusões constantes.

— Desillusões nesses seus quinze annos, se tanto?!

— Está pilheriando?

Nesse instante lembrei-me dos companheiros. Não os vi mais, tinham-me abandonado, e a multidão no "bar" contemplava-nos.

Fiz os primeiros movimentos para deixal-a, mas um seu olhar, de tão deliciosa meiguice prendeu-me por mais alguns minutos. As horas corriam...

— Adeus, linda Gaivota! até logo on Moulin. Sim, até logo; não falte".

Quando galguei a rua estava tonto, trazia a linda ave na retina, voando, voando sempre. Não me lembrava mais de negocios e nem de nenhum outro interesse, contando os minutos por uma hora, louco que chegasse o momento do feliz encontro. A's 10 horas entrei no Moulin que regorgitava, numa profusão de luzes, e de deslumbrantes "toilettes".



Passei os olhos por todos os recantos do elegante theatrinho e não encontrei a Gaivota. Que teria acontecido? De repente, duas perfumadas mãosinhas, vedavam os meus olhos. Explicou-me que estivera por traz de uma das muitas columnas do theatro, acompanhando com ruidosa alegria o interesse com que eu a procurava.

— Então, perguntei-lhe, gostou da minha correcção?

— Sim, fiquei contente com a sua bondade e verifico que, apesar de estar o theatro repleto, cheio de lindas mulheres, o senhor gostou mesmo de mim, tão magrinha...

Em seguida voamos... mas de automovel, e a "Gaivota" parou na Ilha das suas e das minhas illusões...

## OLHOS DE VELLUDO

Revive no meu espirito o episodio da minha primeira viagem maritima.

Regressando do Trapiche Frias, em uma chuvosa manhã de inverno, o meu socio lembrava a conveniencia de minha ida á Santos, onde tinhamos uma filial.

Era necessario, dizia-me elle, que uma pessoa mais autorizada fizesse uma inspecção commercial na grande praça paulista. Concordei, e dispuz-me logo a partir no dia immediato.

Como era a primeira vez que ia viajar pelo mar, não me occorreu a hypothese do supplicio do enjôo.

O "Porto Alegre", velho paquete do Lloyd de rodas, foi o portador. De malas finas e roupagem de fidalgo, entrava no "Porto Alegre", preocupado sómente com o exito da espinhosa missão.

O vapor transbordava de passageiros de todas as classes e os seus porões estavam repletos. A linha de fluctuação tinha attingido o seu maximo. O velho navio, á hora da partida, deixou vagarosamente o ancoradouro e seguiu em caminho da barra. Quasi todos os passageiros procuravam o convés, junto do commando.



Ao atravessar a linha das fortalezas, recebia a "nave" os primeiros encontros com as enormes ondas, do mar revoltô. Comecei a sentir os effeitos do jogo descompassado do navio.

Uma friagem, até então para mim desconhecida, dominava o meu estomago, ainda vazio, pela hora matinal da partida, e as pernas clamavam por um descanso immediato. Desci, apressadamente, e á custo encontrei o camarote. Deitei-me, adormeci e só notei que a cabeça estava no mesmo lugar quando um creado me veio annunciar que o vapor já estava atracado numa longa ponte de madeira, no porto de Santos. Depois de ligeira *toilette* e de recusar qualquer alimento de bordo, busquei a ponte, em cujo topo vi e contemplei uma lindissima e formosa menina de corpinho esguio, pés pequeninos, faces rosadas, olhos e cabellos negros ondulados, typo que me fez lembrar as linhas da gazella ou dos antilopes brancos.

Fiquei fascinado. Fôra a cura immediata para o torpor do enjôo. Segui para o hotel, barbee-me, mudei de roupas e dei começo á missão.

Fui á "primeira" casa da importante cidade, á rua de Santo Antonio, e travei as primeiras relações commerciaes com o mais franco successo.

O "Marquez", como era então conhecida a maior figura do alto commercio da terra de José Bonifacio, um solteirão intelligente, de lindo talho de letra, amavel e bohemio, convidou-me para "jantar nesse dia, combinando desde logo que após o "banquete" iríamos ao "Beira-Mar", no Boqueirão, ouvir um pouco de musica e conhecer o ponto chic de Santos. Durante o jantar, por falta de maior intimidade, embora já encantado pelas excellentes qualidades do cavalheiro amigo, não lhe quiz revelar a impressão do en-

contro, na hora do desembarque. Fil-o, mas de maneira indirecta. No correr da palestra, falei-lhe das surpresas que tive vendo lindos typos femininos no Caes, destacando-se alguns pelas ricas toilettes. O sympathico bohemio, como quem defendia direitos proprios, foi-me dizendo: não é só no Rio que ha moças bonitas e bem vestidas: — aqui ha luxo, ha mulheres lindas. Não podia ter faltado, a esse desembarque, uma pequena do sul de rara belleza, typo ideal. Está hospedada em casa dos tios, na Praça José Bonifacio. E descreveu-me a mulher que me fulminara com os seus "olhos de velludo".

Estava terminado o jantar. Eram 7 horas da noite, quando tomamos o primeiro bonde que passava para a Barra.

A Avenida Conselheiro Nebias offerecia um aspecto festivo, pela intensa movimentação de vehiculos e pela sua exuberante illuminação. Lindos palacetes, casa de estylos modernos, chamavam a minha attenção. O "Marquez", contando os minutos em seu Patock, dizia-me: Não tarda, daqui a minutos o meu joven amigo vae conhecer a pequena de que lhe falei e outras.

Ella estará naturalmente em companhia de seus tios e de uma senhora magra, de gola alta, que é professora e de origem allemã. Poucos minutos após parava o nosso carro em frente ao Boqueirão.

Um largo portão dava accesso para o interior de um "Bar" em cujos jardins volteavam as moças e rapazes da melhor sociedade paulista. Em algumas mesas, circuladas de cadeiras, estavam innumeras familias assistindo ao "trottoir" encantador servindo-se de refrescos, bonsbons, etc..



Uma orchestra de professores e uma banda bem ensaiada, deliciavam aos circumstantes. O "Marquez" procurava no meio daquelles pares alegres a figura que me descrevera, enquanto que eu já a contemplava desde a entrada, sem nada avisar ao solícito companheiro.

Encontrou-a afinal, e muito familiarmente offereceu-lhe o braço, apresentando-me com a maior solemnidade. Fitei-a com admiração e notei que ella me observava, espraçando os seus grandes e lindos olhos num exame de reconhecimento pelo viajante do "Porto Alegre".

Segura de seu triumpho, mas desejando reviver o feliz momento do desembarque, perguntou: — Não estarei enganada affirmando que vi hoje, no Caes, uma pessoa muito semelhante ao Sr.?

— Fui eu mesmo, senhorita, e me lembro tambem de tel-a visto. O movimento, no "boqueirão", augmentava. Offereci-lhe o meu braço e fomos tambem voltar os jardins aos sons da "Patrulha Turca". Não seria exaggero affirmar que é esse o momento, talvez o unico da existencia, da maior felicidade de duas pessoas de sexos differentes — a hora innenarravel do inicio do amor.

A medo, de instante a instante, os nossos olhares se encontravam. O seu braço, apoiado sobre o meu, parecia mais um fio transmissor de correntes electricas.

Ouçõ dizer que os que usam do opio, cocaina e outros narcoticos perigosos tambem experimentam iguaes sensações, mas que em seguida desapparecem, de vez...

Os relogios marcavam 11 horas, e os guardas, por meio de campainhas, annunciavam o termino da festa do Bar.

Acreditei, naquella noite, no desarranjo de todos os relogios, pois tres horas haviam se passado como se apenas fossem alguns minutos...

A enorme multidão deixava o Bar e assaltava os bondes, que ficavam logo repletos. Não tive um lugar nos bancos, mas a minha fortuna se encarregou de reservar-me o balaustre, em cuja ponta ficára a formosa sulista.

Ahi, de pé, pude melhor examinar a sua rara belleza, pela posição estrategica em que me colloquei.

Nas curvas ou sinuosidades da linha, o seu perfumado e elegante corpinho, acompanhando o movimento do vehiculo, se amparava no meu tronco. Pude, assim, bem dizer dos defeitos technicos da Tramway Santista, que me proporcionára os momentos de mais electrizante contacto.

Na rua de São Francisco deixamos o bonde e fomos á casa da joven, onde a fidalguia da familia illustre nos prendeu em agradaveis instantes.

A sala de jantar, onde fomos recebidos, attrahia pela sua belleza artistica. Luxuosamente mobiliada, com lindas e raras flôres e plantas, tinha a alegria algumas custosas gaiolas de finos passaros, em correntes douradas pendentes do tecto em linhas harmoniosas.

Com simplicidade captivante a joven me offereceu um cravo dizendo-me que era a flôr que mais apreciava.

Tinha dito tudo.

Retiramo-nos.

Na rua, o "Marquez", na sua amavel franqueza



foi-me dizendo: quero ao menos ser o padrinho, recolho-me feliz pelo que vi e apreciei.

Passei uma noite de linhos sonhos, na sua fiel reprodução de horas inteiras de uma felicidade sem fim...

No dia immediato, fiz um passeio á Barra para melhor conhecer da maravilha dos paulistas. Bem justo o orgulho dos bandeirantes: panorama lindissimo e privilegio de praia de terra firme, a onde foge e o auto roda por sobre a espuma prateada como se estivesse no asphalto!

Dirigi-me primeiro ao José Menino, fui até São Vicente, de volta, deixei o auto no boqueirão e segui num *bondinho* com destino até a outra extremidade, em frente da "Fortaleza Velha".

O pequeno vehiculo, puxado por um animal, margeava a linha de construcções, afastado da beira da praia cerca de cem metros. Ao chegarmos quasi no ponto terminal, divisei no fundo da praia, abeirando-se com as ondas mansas do mar sereno, em desafio ao mais bello quadro da tarde, do sol poente, a formosa creatura da blusa vermelha e saia creme, mostrando a pequena cabeça de cabellos ondulados e negros, reluzindo sob os ultimos raios de sol carinhoso e brando.

Desci e fui ao encontro da sereia, que distrahida, com a ponta da sombrinha, revolvía as covinhas dos tatuys...

Presentindo o rumor de um pedestre, elevou o busto e nos enfrentamos, num gesto suave de cumprimentos, seguido do silencio dos enamorados.

— Que surpresa! disse-me "a menina dos olhos de velludo".

— Tambem não escondo a que experimento. Será um sonho?

Hontem no desembarque, á noite do Bar e no "Paraíso" da Praça José Bonifacio e hoje na Praia!

Estarei, porventura, deante de uma "Fada" ou de uma Sereia?

Ainda eu não havia terminado a palavra final e já os seus rosados labios mostravam os lindos dentes num sorriso de infinita e communicativa alegria.

Caminhamos até ao bonde. O pequeno vehiculo se avisinhava e foi nesse momento, um tanto nervosa, que me disse:

— Adeus. Não sei o que sinto. Temo-o... já não me pertenco mais...

E o bonde deslizou por sobre os fios d'aço, numa carreira vertiginosa até o Boqueirão.

Pouco depois regressava ao Rio e já me não attrahiam as rodas antigas.

Voltei a Santos e ahi tive um encontro, inesperado, que me perturbou as intenções, sem amortecel-as, embora.

A menina dos olhos de velludo tinha partido para o Rio. Vim encontral-a num dos seus apraziveis arrabaldes.

Certa manhã, no restaurante Cascata, uma pessoa de sua familia, com visível constrangimento, me annunciava o seu contracto de casamento com distincto cavalheiro.

Nesse momento, como a ave ferida de morte, que se despede das companheiras, vi fugir, como num sonho, todos aquelles dias e noites de uma felicidade sem fim...

Suffocando, a custo, as angustias, de um grande soffrimento, mantive a serenidade de um justo, de um



heroe, e não deixei o portador da noticia conhecer da extensão do golpe com que me acabava de fulminar.

A minha frieza atordoou-o e elle partiu convencido da minha indiferença. A minha victoria foi apenas de segundos...

Tenho procurado esquecer-a. Em vez disso, porém, sinto-me torturado pela nostalgia e pela saudade que se completam no sentimento sublime desse puro amor, dessa deliciosa embriaguez.

## O SARGENTO

Paulo, meu velho companheiro desde os bancos collegiaes, era muito reservado.

Um dia, com bastante surpresa minha, elle abriu a bocca e começou a contar-me cousas de sua infancia attribulada. Paulo era filho unico de um opulento burguez, homem pratico e cuja possante fortuna elle havia adquirido em negocios honestos. Não tinha limites no seu affecto pelo seu filho, a cujos desejos attendia com verdadeira obediencia. Paulo, no entanto, não correspondia ao seu progenitor na medida do mesmo affecto. Intelligente, sonhando com vida differente da de seu pae, Paulo de maneira alguma desejava seguir uma carreira de estabilidade. Detestava o commercio, o clero, a caserna.

O bom do Commendador, como era natural, preoccupava-se com o futuro do filho estremecido. Todo o seu ardente desejo era vel-o mettido numa elegante farda da Escola Militar e recordava, com enthusiasmo, os antigos e famosos cadetes que a esse tempo tinham assento na mesa do Imperador. E dizia-lhe: Meu filho, não sei como te seria grato se um dia eu pudesse ter a fortuna de ver-te com a linda farda dos bravos alumnos da Escola da Praia Vermelha!



Paulo, de temperamento bohemio, tinha horror á farda. Para elle, o militar era uma machina, sem opinião e sem ideaes.

Procurava convencer ao Commendador, sem magoal-o, de que só ao ver um cidadão fardado tinha a impressão da força, da violencia, e que esses sentimentos eram diametralmente oppostos aos seus. Não lhe agradava, ao demais, essa vida parasitaria dos miiltares.

Todo o seu feitio reclamava uma vida incerta — ser jornalista, advogado ou professor ambulante, literato, eram os seus sonhos. Toda vez que dessas cousas falava ao seu honrado pae, este temia pelo futuro do filho querido e commentava: Tudo quanto por ventura eu lhe possa deixar, por minha morte, não durará mais que um anno, porque meu filho tem um grande coração e enquanto durar o fructo de meu trabalho, não haverá ninguém pobre.

O Commendador, com o proposito de o afastar de certos amigos que já o não deixavam, resolveu fazer-o viajar por toda a Europa para estimular o seu espirito e educal-o no terreno pratico, de que tão afastado elle se achava. Sem os excessos perfeitamente justificaveis dos seus 20 annos, Paulo aproveitou bem a grande generosidade de seu progenitor, gozando as delicias do velho mundo, mas de accordo com o seu temperamento, visitou os grandes monumentos da antiga Grecia, da Italia, da patria de Napoleão e procurou aprimorar os seus conhecimentos historicos no seio da grande França.

De regresso, já atacado de nostalgia, conheceu, no grande transatlantico inglez, uma sua patricia a cujo doce olhar, desde o primeiro encontro, elle de-

veu o afastamento do mal que o animara a deixar a capital do mundo.

Sentia, desde então, uma grande alegria. Os pequenos incommodos produzidos pelo baloiçar da *nave* tinham desaparecido como por encanto. Mlle. Dulce de Leon era do sul e fôra tambem á Europa com seus paes, em viagem de recreio.

Mimosa e intelligente era a figura que dominava nos salões do navio pela sua excellente voz e finissima educação.

Paulo, na primeira noite em que a ouviu cantar, sentiu-se apaixonado.

A viagem corria celere. Só ao chegar ao primeiro porto do Brasil, Paulo pôde falar e contemplar um sorriso de Mlle. de Leon. Ficara mesmo fascinado.

Conversavam depois a todo o momento, lamentando cada qual que o navio estivesse a tão poucas horas do Rio, onde iria ter ponto esse feliz convívio, ou pelo menos, onde elle não poderia ter a mesma sequencia.

A separação já os affligia e era inevitavel.

Paulo teria de permanecer no Rio e mlle. pouco tempo depois regressaria ao sul, sua terra, e assim aconteceu.

Paulo dedicou-se ás lettras e ao jornalismo. Passaram-se alguns annos.

Paulo conservava na retina aquella deliciosa creatura do *Nile*; e tinha a illusão de que mlle. nunca delle poderia esquecer.

Um dia, quando Paulo decifrava uns telegrammas, leu um de Porto Alegre que annunciava o casamento da mulher de seus sonhos com um militar. Estremeceu, e tão forte fôra o golpe, que não mais



pôde trabalhar nesse dia, recolhendo-se aos seus aposentos em casa de seus paes, que extranharam a presença do filho áquella hora, tão fora de seus habitos.

— Que terá o nosso Paulo? Dizia um para o outro. Foram pressurosos saber.

Não é nada uma dorzinha de cabeça sem importancia. Como uma flôr que murcha, Paulo perdeu toda aquella vida que se irradiava e se communicava por todos aquelles que com elle viviam. A sua mudança fôra bem notada. Todos sentiam que algum mal, que elle occultava, minava-lhe o coração. Mas... não ha mal que sempre dure — um dia, na sua mesa de trabalho, o telephone bate. Chegou o phone ao ouvido. — E' Paulo? — Sim, estou reconhecendo essa voz, mas será possível? Estarei sonhando? Nem me animo. Sou eu mesma. Amanhã, ás dez horas no primeiro arvoredado da Avenida, depois do Theatro Municipal, em carro de cortinas cerradas e... nem mais uma palavra. Paulo ficou attonito. Seria uma troça? Não, não era possível elle não tinha revelado a ninguém os seus soffrimentos, mas tratava-se de uma senhora casada, um escandalo, era preciso uma arma, mil pensamentos de um estreante...

A'quella hora aprasada, um luxuoso landaulet parava no ponto indicado.

Paulo, tremulo, com o coração a 160 pulsações por minuto, pernas molles, tirava o relógio e não via as horas — 9 1/2 — e elle lia — 11 horas.

Acalmou-se e verificou, em novo exame, que ainda faltavam 5 minutos.

Abre a portinhola, salta do landaulet, não vê ninguém.

Aflige-se ainda mais. De um banco do outro lado, junto do respiradouro do Theatro Municipal, levan-

ta-se e encaminha-se para elle, um sargento elegante, de farda luzidia, botinas de polimento, botões amarellos, brunidos, reluzindo sob os raios dos focos electricos.

Paulo, possuido de um extranho calor, leva a mão á pistola decidido a vingar a troça de que fôra victima, enfrenta o jovem militar, que avança sempre, até que, juntos um do outro, Paulo repara nas linhas do sargento, no seu destemor e reconhece por debaixo daquelle elegante kepi, os mesmos olhos negros, feitiços da companheira do *Nile*.

.....  
.....  
A seguir, Paulo convenceu-se de que seu pae tinha razão: a vida militar tinha tambem os seus encantos, e que encantos!...



## A FRANCEZINHA

A população de uma cidade do interior, num dia de festividade religiosa, viu desembarcar nas primeiras horas da manhã, uma família de gente estrangeira, puxando uma egua de sangue arabe e tratada como membro da mesma família.

Por isso mesmo, a atenção de toda aquella gente estava voltada para essa linda caravana de novos moradores do lugar.

O chefe da família, era um homem bonito, olhos vivos e bem pretos, cabellos grossos, lisos, escorridos, chapéo largo á mexicana, camisa de golla presa e com punhos de couro, perneiras, typo de cavalleiro mexicano, mas sua pelle, nos habitos, nos modos e sobretudo na *póse* e nos gostos, soprava o orgulho de francez.

Trazia no dedo indicador um anel de saphyra ao centro, com um brilhante de cada lado. Dizia-se engenheiro.

Para ser um anel symbolico, faltava o trilha, em circulo. Sua esposa era um typo invulgar. Seductoramente bella e sympathica, possuia dois lindos olhos azues claros, doces, vestia-se com a simplicidade das francezas de sociedade e grande distincção. Sua irmã, tambem muito sympathica, era do typo more-



no das nossas cearenses, e a filha do casal, menina de seus 11 annos, tinha os encantos das creança louras, de olhos esverdeados, semelhando-se em tudo á sua progenitora.

Durante todo o dia foi esse desembarque o assumpto forçado da cidade.

De onde viria aquella gente tão bonita? indagavam. E que historia era aquella de um animal cavallar, bebendo café, comendo pão com manteiga, com tantos mimos?... Eram cortezes; apenas alguém os olhasse, tinham logo um cumprimento amavel e ri-sinho.

Feita a primeira refeição num botequim em frente á estação, seguiram para uma rua dos suburbios da cidade, onde se installaram numa pequena chacara, de variadas fruteiras do nosso clima tropical.

Fomos ali visital-os, de accordo com os habitos do logar.

Recebidos com a maior distincção, começamos a reparar na pobreza dos moveis e no esplendor das armas: espingardas novas carissimas, pistolas de todos os typos, revolveres dos mais afamados fabricantes, facões de Rodgers e de outras marcas francezas e allemãs, grande quantidade de munições de guerra.

Esquisito! Iniciamos a palestra convencidos de que, embora tivesse essa familia o typo europeu, de ante da egua, do selim de duas cabeças, estribos — caçambas de couro, bridão, aquella arsenal bellico, tratava-se mesmo de americanos educados na Europa. A senhora, por estar ainda nos fundos do terreno o chefe da familia, foi quem nos attendeu. Mulher de rara intelligencia, antes que lhe perguntássemos qualquer coisa, foi-nos dizendo: "Só meu marido não é francez. Nasceu no Mexico. Nós somos de Nice. Nas-

ceamos debaixo daquelle céu que sempre me pareceu incomparavel, antes de conhecer este lindo paiz.

A *Côte d'Azur* — como se denomina a minha terra, tem no Brasil o mais serio rival. E' incomparavel o Brasil! E', pena que os seus grandes homens não tenham ainda comprehendido a necessidade de attrahir os grandes capitaes europeus para as obras de embellezamento de que a linda capital brasileira tanto necessita.

O Rio tem encantos incomparaveis, mas falta-lhe conforto. Um grande prefeito moveria o mundo inteiro para passar aqui as varias estações do anno, enriquecendo o seu commercio de libras esterlinas.

O seu povo, de indole ordeira, é affavel, bom, cavalheiresco.

E a senhora está no Brasil ha muito tempo? indagamos.

— Não senhor. Mas já visitamos tudo. Conhecemos bem a Bahia, S. Paulo, parte de Minas e o Rio.

Nisto, chegou o Dr. Martin. A sua educação, notamos, era bem differente da de sua senhora. Viemos aqui, disse-nos, para montar uma grande fabrica. Dentro de pouco tempo começaremos a produzir borracha preparada pelo systema europeu.

Em poucos dias toda essa familia se relacionára com as melhores pessoas do logar. Teve inicio a fabrica. Os negocios a principio, correram bem. O Dr. Martin conseguiu um socio brasileiro. Este pouco depois, teve que requerer a dissolução da firma, por não se entenderem, apesar de ambos falarem bem a lingua franceza, a unica que o *mexicano* sabia falar.

Uma grave molestia do director da fabrica fê-la parar. O Dr. Martin operou-se. Sua filha, já nos seus 15 annos, vivendo sem o menor conforto, descalça,



sob a acção das chuvas ou dos raios solares, desabrochava numa belleza fascinante.

Um seu olhar era disputadissimo.

Ella bem gostava dos brasileiros...

Seu pae, ao perceber que ao par do crescimento de sua filha appareciam os pretendentes, fez-se um feroz ciumento, começou a dar melhor conforto á francezinha, como jera ella conhecida, provocando essa tão estranha attitude commentarios de toda especie. E, certa manhã, como acontecera na chegada, a população foi abalada com a noticia do desaparecimento da mysteriosa familia, já tão bem enraizada no seio da melhor sociedade local. Renée, a cavalleira destemida, era estimadissima. Todas as manhãs ella apparecia no mercado fronteiro á estação e distribuia cumprimentos a todos, numa jovialidade bem brasileira.

Os commentarios ainda hoje ali se fazem em torno dessa familia. No coração sadio daquelle povo hospitaleiro, agora povoado de recordações e saudades, mora a certeza de que aquelle falso mexicano não era o pae de Lienée, a linda estrangeira de olhos esverdeados.

## A FORÇA DO DESTINO

A velha Geralda soffria de rheumatismo e varises nas pernas. O medico da casa, velho amigo da familia, recommendou o uso de banhos de mar. A custo conseguimos uma pequena casa na praça de D. Constança, em Santa Luzia. Tinhamos por visinha uma senhora portugueza, filha da Madeira, viuva e mãe de um aspirante e de duas filhas. O seu divertimento principal era um papagaio, pouco delicado e barulhento, que morava na janella da frente. Na praça referida durante a manhã e á tarde, na hora do banho, reuniam-se muitas pessoas e sobretudo muitos pirralhos, que não davam uma folga ao papagaio. Ensinavam-lhe cousas picantes e termos da malandragem.

Muitas senhoras e moças detestavam o innocente animal, porque este, na sua inconsciencia, lhes dirigia graçolas e pedia beijos. O banho de mar constituia, na praça D. Constança, uma obrigação religiosa. Todos se conheciam, e quando alguém faltava, a ausencia era commentada e sentida. Havia, dentre os banhistas, um grupo de moças e rapazes que era de verdadeiros nadadores. Algumas jovens eram tão arroçadas que iam á fortaleza de Willegaigon, faziam



um pequeno descanso na ponte desse estabelecimento militar e regressavam á praça.

Da antiga ponte da City, os que mais apreciavam o mergulho violento, atiravam-se ao fundo, ora de cabeça para baixo, ora em outras posições. Nos dias da resaca sómente os rapazes e alguns garotos enfrentavam o mar. De lá de dentro, lutando com os vagalhões na sua obra destruidora, contemplavam o caes que ficava repleto de assistentes, na sua maioria do bello sexo fraco, dando palmas e vivas a esses destemidos nadadores. Certa manhã, n'uma das resacas, um companheiro fraqueou, e só a custo, depois de uma verdadeira batalha marítima, foi o pequeno salvo. A affluencia, por este motivo, ao caes foi enorme. Toda a vizinhança accorreu aos gritos nervosos dos assistentes, e no local o vozerio era ensurdecedor. Levada pelo seu bondoso coração, affrontando o grave perigo do mar enfurecido nessa manhã, a "Santinha", filha do commendador Britto e moradora na ultima casa, com varanda para o mar, da travessa Marquez de Carvalho, pelejou resolutamente do nosso lado pelo salvamento do allemãosinho. Sendo o facto muito commentado, a mesma fez conhecer que nenhum outro sentimento a dominára no arrojado feito, sinão o da humanidade, pois até não nutria sympathia pelo allemãosinho, que era um pequeno endiabrado e já com veleidades a moço bonito.

Ficava mesmo nervosa quando alguma pirralho lhe dizia: "Santinha", você gosta mais do allemãosinho de que de nós outros; você não nos iria buscar no fundo do mar. Todos nós observamos como você ficou afflicta. Nós também notamos que quando aquelle peralta não apparece você não é a mesma. Sem se perturbar, a "heroína" convencia aos peque-

nos de que não era possível, aos 14 annos, pensar nessas tolices. As sympathias despertadas pelo seu arrojado acto foram taes, que a bella nortista, de modos simples e captivantes, passou a ser a figura mais querida na praça D. Constança.

Quando por motivo de força maior, ella não apparecia o banho não tinha a menor vida. Todos admiravam a sua grande belleza, sem affectações. De tez morena, moreno jambo, de formas elegantissimas, os seus grandes olhos tinham um raro brilho, que fascinavam. Filha do Amazonas, amava deveras a sua terra. Falava com orgulho da opulencia do seu grande Estado. Logo depois do banho sentava-se ao piano e deliciava a todos os moradores da circumvizinhança e aos seus innumerados admiradores.

A pequena travessa Marquez de Carvalho ficava repleta, não faltando um só banhista, ás vezes ainda de roupõeões molhados. O rigoroso inverno fez terminar os banhos de mar. Foi marcada a primeira manhã de sol para a despedida no local dos banhos. Ah! quantas saudades, quantas lagrimas no adeus da partida!... E não era menos: — um anno de convívio alegre, despreoccupado, feliz, de pessoas que ali se conheceram e se tornaram amigas.

Annos depois fui a São Paulo. Passeiava despreoccupado pelo bairro do Braz quando, com surpresa, por ser ali desconhecido, ouvi uns psio! psio!, voltei-me, não reconheci logo, e continuei. Novamente, psio! psio! psio! Era commigo, não havia mais duvida. Fitei bem reconheci a velha mãe de "Santinha". Senti um grande contentamento, disse-lhe: Não imagina minha senhora que alegria experimento por este tão feliz encontro. Nunca pude esquecer-me de sua



familia. Mas diga-me d. Leonor, como me reconheceu?

— O Sr. sempre viveu no nosso coração, de maneira que embora tenham decorrido, alguns annos, o Sr. não fez muita differença aos nossos olhos saudosos.

— Muito obrigado; matei velhas saudades. Como vae a "Santinha"? Estava afflicto por vel-a. Todo o quadro de um anno inteiro, em Santa Luzia, se reproduzia em meus olhos, naquelle instante.

A pobre velha, sem responder, chorava, derramava copiosas lagrimas. Nisto chegou uma indiasinha que ella creava desde tenra idade, e com caricia de uma verdadeira filha enxugou as lagrimas de sua segunda mãe. Fiquei, como era natural, intrigado. D. Leonor, depois de passar as mãos pelos cabellos de prata, disse-me: Todos os dias soffro e soffro muito. O Sr. affirmou que ao entrar aqui experimentou uma grande alegria. Sei que desejaria ver a minha infeliz filha, que nunca o esqueceu um só minuto. Inutilisou-a o pae. O Sr. se recorda daquelle homem austero, verdadeiro pae e marido, chefe exemplar de sua repartição na Alfandega do Rio? Pois veio em commissão para este logar e aqui a fortuna lhe sorriu de modo honesto. Mas o meu marido cheio de dinheiro, esqueceu a familia e virou menino aos 60 annos! Imagine que elle mora nesta casa, e eu passo as vezes dois mezes sem vel-o. Para que o Sr. possa mesmo avaliar o seu estado, basta dizer-lhe que para cada banho, diario, elle gasta um vidro de "Ideal" de Houbigant. Um vidro de perfume num banho?! Mas, que aconteceu a sua querida filha?

— Que aconteceu a minha filha? Vae ouvir:

As amantes de meu marido não nos respeitavam. Vinham affrontar-nos, em nossa propria casa. Ainda ha pouco dias, porque o creado não fosse pressuroso attender a um chamado na porta da frente, quebraram as vidraças, que por signal ainda não foram concertadas. Minha filha, que frequentava a melhor sociedade paulista, envergonhada, nunca mais appareceu nos seus salões, onde seu brilhante espirito e os seus conhecimentos artisticos eram grandemente apreciados. O Sr. sabe bem que ella só não fazia ao piano falar porque seria tentar o impossivel. No violino, tinha conquistado um dos primeiros logares aqui na Paulicéa. Viviamos aqui inteiramente acabrunhadas. Nosso moveis exigiam uma limpeza. Appareceu um homem moreno, sympathico, de nacionalidade hespanhola, e pediu-nos, trabalho. Perguntamos-lhe se sabia lustrar moveis. Respondeu-nos que era essa a sua profissão. No dia immediato deu começo ao trabalho. Minha filha, não alterou os seus habitos: Durante o dia fazia os seus exercicios e estudos musicaes. O hespanhol, reparei, quando ella pegava no instrumento, ficava tão maravilhado que até a ferramenta lhe cahia das mãos. Minha filha, a principio, reparava com indifferença, depois, abandonada pelo pae, e cheia de desgostos, ella que havia recusado os melhores partidos de casamento, convencida de que não mais devia procurar a melhor sociedade, foi-se deixando empolgar pelo intruso estrangeiro e já maior acceitou o pedido de casamento e fez-se esposa de um homem verdadeiramente inferior. Soffri, immenso, Sr. Tudo fiz para desviar minha pobre filha. Nada consegui. Poucos dias depois do casamento, apesar dos fartos recursos e joias levadas pela Santinha, o lustrador dizia que nada de musica, — que só preci-



sava de trabalho e dinheiro! Minha filha reconheceu, emfim, o seu grande erro, grande abysmo! Submetteu-se. Encontrei-a, certa manhã, lavando a sua roupa. Estava grávida. Tive impetos de matar o patife. Cheguei a comprar a arma. Reflecti: Era melhor trazel-os para nossa casa e a custo consegui, vencendo a mais seria opposição do marido. Já estavam debaixo do nosso tecto ha mais de quinze dias e o lustrador não reclamara um banho! Avalie, Sr., que homem! Interpellei minha filha e ella me pediu calma, prudencia. Temia ser morta pelo homem a quem se ligara. Não me contive e exigi que tomasse banho! Levei-o ao banheiro. Ouvi, de fora da porta, o homem tremer ao contacto com a agua fria! Nesse mesmo dia elle mudou-se, levando minha filha para uma avenida antiga, ali adeante. Poucos dias depois, um recado pelo telephone, me avisava de seu estado de delivrance e abandonada. Metti-me n'um tilbury e fui encontral-a, sósinha, chorando. Só nessa occasião o meu marido reconheceu-se o grande culpado. Trouxemos a nossa filha.

Inutilmente empregamos os mais carinhosos esforços para salvá-la, — o mal era de morte. Não podia resistir aos desgostos porque passara desde o dia de seu casamento, solemnidade a que nem eu nem meu marido comparecemos ou demos o nosso assentimento. Percebendo as angustias de seu pae, por quem ella tinha verdadeira veneração, dedicou-lhe os ultimos momentos numa effusão de carinhos e de affecto. Supplicou-lhe, já em extrema fraqueza, que não tivesse nenhum acto contra o marido, que a abandonara tão cruelmente. Temia uma represalia, que seria justa, mas o hespanhol já estava no outro mundo — tinha desaparecido, no corsario em que fugiu, nos

mysterios insondaveis do fundo do mar, e minha filha ignorava.

E enquanto o commendador retirava, por um instante, os seus olhos do ponto fixo, e procurava disfarçar ou encobrir as suas lagrimas, Santinha expirava, deixando-nos para companheiro de nossa velhice o seu primeiro e unico filho.

Não sei se pelo inesperado do desfecho, ou se pelo natural remorso de suas fraquezas, o commendador estava succumbido, acabrunhado. Seu soffrimento era visivel; desorienara-se vendo desaparecer aquelle ente que fôra sua companheira dos salões, da sociedade, sempre victoriosa, enchendo-lhe de orgulho todo o coração de pae e de educador! Perdoei-o! Vi que meu marido estava mergulhado nessa immensa dôr, que é a saudade! Hoje vivemos para o Nelson, de quem o commendador, principalmente, não se pode afastar, um instante.

Conclui, eu que conhecia bem essa distincta familia de habitos austeros e cavalheirescos, que ninguém pode fugir ás leis immutaveis do Destino!



## O CONCURSO DE GALVESTON

Estamos nos approximando da antiga Grecia. Os casamentos vão escasseando de uma maneira verdadeiramente assustadora.

Tambem já não se realisam esses actos com a antiga solemnidade religiosa.

A igreja, outrora preferida para consummar a união-perpetua, é dispensada pelos conjuges — sobretudo pela Mulher!

As modas e os modos femininos vão evoluindo com um tal desembaraço que, francamente, o casamento já se torna um acto de verdadeiro heroismo.

Com o apparecimento da medição anthropometrica, a que se sujeitaram as Misses patricias, a Mulher caminha, a passos largos, para o masculinismo. Que horror!

Todos os antigos sentimentos da Mulher, vão desaparecendo em holocausto ás exigencias do seculo. Ora, francamente, é demais ficar uma moça de familia em vestes de banho de mar, *maillot*, para que uma commissão de cinco homens — os mais innocentes — lhe tomem as medidas em contacto com uma fita metrica! E mais do que isso: que um photographo authentic gose a ventura de assestar sobre o nú a sua



Kodack para reproduzir pelos jornaes as linhas impecaveis das misses dos nossos tropicos.

Até parece uma licenciosidade.

Antigamente uma mulher que se expuzesse a cousa muito minima ficava condemnada a morrer solteira e, no emtanto, naquelles tempos, as egrejas, os templos enchiam-se de nubentes e assistentes.

Hoje essas casas da religião, a que todos ainda pertencemos, vivem vasias, abandonadas, pelos poucos que se casam.

O casamento parece transformar-se num simples negocio, onde não entram os sentimentos do affecto, do coração, da familia.

Nas varas civeis processam-se desquites em numero nunca vistos.

E quando alguém fala a uma das partes em litigio e suppõe que vae ouvir uma palavra de pesar pelo acto que os separa, ouve cousas tristissimas, inenarraveis!

Ha a maior pressa pela decisão do juiz para que, cada qual, inteiramente livre, possa proceder como melhor entender! A sociedade familiar está sendo soprada por um verdadeiro tufão, que a destroe, que a dissolve.

O Santo Padre, chefe da Igreja Catholica, já fez um serio appello ao mundo inteiro e principalmente ao sexo — tido como fraco — para que, em bem da familia, restrinja os seus excessos.

A Mulher quer imitar o homem; quer mesmo praticar actos iguaes a estes.

Esquecem-se, porém, de que Deus não as fez iguaes aos homens. O corpo da mulher nada tem de commum com o corpo do homem.

Deus deu ao homem o que não deu á mulher, e igualmente concedeu á esta o que recusou áquelle.

Ha uma distincção palpavel, que não é licito a nós outros, pobres mortaes, alterar, o que afinal, não passa de méra illusão com grave e serio prejuizo para a esposa e para a mãe. A mulher traz o seu lindo corpo exposto aos olhos do homem, e este farto de tão edificante espectáculo, adia a realização do consorcio para as calendas gregas.

Os excessos na America do Norte são fallados. Naquella grande Nação as leis são protectoras da mulher, bastando lembrar que a simples promessa de casamento feita por qualquer cavalheiro a mulher obriga a cumpril-a. De maneira que, apesar, dos excessos femininos, as yankees não temem o mal que em outros Paizes, são a condemnação da mulher. Aqui por exemplo, as mulheres não tem a protecção das leis.

Só temos o desquite que inutiliza a ambas as partes para a sociedade.

---

Na America e em muitos outros Paizes do mundo, ha o divorcio amplo e completo, dando á mulher como ao homem, o direito de constituirem nova familia.

Aqui, no caso de um simples desentendimento na sociedade conjugal, a justiça dissolve o Lar sem quebrar o vínculo, e tanto uma como outra parte vão con-



stituir a familia illegal, por falta do remedio reparador. Na America portanto, a mulher tem as maiores garantias para os seus excessos, que não devem ser imitados pelas nossas patricias.

E mesmo ha a distincção da raça. O povo dos tropicos não é igual aos povos do gelo. Nestes ha a maior indifferença pelo corpo da mulher. No seio dos latinos essa indifferença, felizmente, ainda não se lavra com o desembaraço americano.

A mulher deve enfeitar-se, realçar pela belleza, dominar pelos requintes da educação, pela doçura, pelos encantos da sedução, sem ter necessidade de mostrar seus seios ideiaes, suas fórmãs impeccaveis! Na Grecia, foi preciso appellar para as dansas para poder haver a nova approximação dos sexos oppos-tos. Hoje precisamos de um remedio mais forte, mais efficaz que as dansas, porque estas, agora, mais des-approxima o homem da mulher.

Os Americanos divertem-se.

Os seus multi-milhões de dollares, em saldo, e a necessidade de applical-os, são a constante preocupação da America do Norte.

D'ahi, a facilidade com que os opprimidos e os perdularios recorrem áquella bolsa facil. Mais ainda não ha equilibrio, porque o ouro cresce sempre.

Aquelle povo, feliz, pela immensa riqueza e fartura em que vive procura um meio para escoar os dollares. Inventam cousas interessantes, ás vezes até em luta com o pudor, como agora succede no Concurso de belleza de Galveston. America é, sem duvida, a Nação que possui as rainhas da belleza, mas os americanos não se contentam com a prata de casa.

Sahir da America para conhecer a belleza feminina do mundo inteiro era um incommodo, mas facil seria gosar o espectaculo de vel-as todas nuas, bem nuas, dentro da propria America, e nada mais facil do que, dispondo dos dollares, organizar um concurso feminino de nudez internacional.



## MENINA MOÇA

Ha homens felizes. E' verdade que o numero dos felizes talvez não chegue a uma dezena, no mundo inteiro.

Aquelle, pois, que consegue essa cousa tão rara devia curvar-se ao Creador e tudo fazer para só chegar lá no infinito a noticia do seu perenne agradecimento.

A felicidade é como fica acima dito, cousa rara, cada qual sente-a segundo as suas aspirações e estado de seus nervos. Mas ha homens que, por egoismo incontido, enxotam esse particular favor de Deus e nas unicas cousas onde o sentimento da felicidade mais se faz sentir.

Seria muito difficil dizer onde e como se consegue a felicidade, se isso depende exclusivamente do temperamento e do feitio de cada um.

A instrucção, a cultura, o meio não são attributos bastante para advinhar ou auscultar esse mysterioso phenomeno. O namoro, em geral, não é senão o desejo da posse, de ambos os lados.

Se esta é difficultada, se ha obices serios, esse namoro, dentro do coração dos interessados, toma fóros de luta — é a revanche, e nessa altura uma das partes, ou ambas, apaixonam-se e concertam a maneira da



victoria final, segundo o gráo de convicção e de cultura em que se encontram.

Diante dos acontecimentos que ás vezes empolga mesmo os espiritos mais ponderados, vê-se desenlaces que parecem inverosímeis. Nas tragedias do coração, a mulher, segundo o que diariamente se lê e se observa, é o typo acabado e frio do sacrificio em holocausto aos seus sentimentos de affecto.

O homem, mostra-se um espirito conformado e accede por elevação e por nobreza.

A mulher domina-o, e elle gostosamente esquece os deveres de homem, em tróca das meiguices de duas palavrinhas da eleita de seu coração.

A mulher apaixonada — paixão nervosa, indissimulavel, incontida, destemerosa, — nesse estado psychico, não se domina mais para vencer pela ponderação; com a alma dominada pela figura do homem que móra no seu espirito, — ella desattende a quaesquer considerações ou conselhos — é o estado moribido.

Não existe nenhum remedio para o mal oriundo da enfermidade nervosa.

E' o fracasso dos bromuretos.

Ainda hontem, um funcçionario publico, de bom nome, cedera ás injuncções do feminismo imponderravel e lá ficou sepultado no fundo do mar.

Ha pouco, uma linda e formosa creatura, no verdor dos seus dezeseis annos, entregara o seu coração, o seu destino a um rapaz que não a soubera comprehender. Neste episodio, toda a vantagem era em favor do modesto auxiliar de um laboratorio pharmaceutico. Menina e moça, de instrucção bem adeantada, percebendo nessa pouca idade, n'uma poderosa empresa estrangeira, regular somma como dactylo-

grapha, ninguem póde comprehender, sinão pelos caprichos de mulher o facto della se apaixonar pelo fazedor de pilulas. Este, feio, sem graça, sem espirito, contraste completo da mulher das illusões romanticas, conseguindo no entanto, a rara felicidade que — Deus a poucos concede — ser sinceramente amado —, assiste, indifferente, ás ruidosas manifestações de um coração e alma ainda em formação e despreza sem o menor sentimento de nobreza, de bondade, os soffrimentos desse excepcional e divino affecto feminino! Abandonada pelos paes, de cuja casa sahia em represalia á opposição que lhe fazia a familia desolada por essa união tão desigual, perambulou pelas ruas, implorou do ingrato ao menos um abrigo e vencida pelas decepções e pelas dôres, n'um derradeiro appello ao coração de ferro do homem feliz, essa pobre e delicada criança vae ao estabelecimento onde trabalhava o jovem dos seus sonhos, consegue adquirir o balsamo que lhe havia de curar dos grandes males, volta á porta da casa cujo abrigo lhe foi negado e ahi, sem nenhum rancor, bem proprio da sua meninice, chama o namorado e, enfrentando-o, com o pedido de perdão por haver-lhe abusado do credito para poder comprar o toxico-mortal, por já não ter em sua carteira um unico nickel, leva resolutamente o frasco aos labios e absorve o seu liquido de um trago, e com os olhos no homem tão feliz, expira, deixando na physionomia enleada os traços de sua innocencia affectuosa, tão cruelmente sacrificada.

Esse homem que conseguiu, sem nenhum esforço, e com lamentavel desprezo pela vida tão preciosa, dominar um coração de mulher, continua indifferente e feliz. E' um heroe, um grande heroe, com quem as mulheres não podem lutar!



## EXCENTRICIDADES YANKES

Da America do Norte sempre nos vem novidades. E' o paiz das cousas excentricas. O homem dali veste-se com menos roupas que os dos outros paizes.

Uma calça larga, uma pequena camisa, cuecas curtas, casaco sem maior esmero, sapatos de bico chato e outras esquisitices iguaes. Até a mulher americana tem o coração differente das do resto do mundo.

N'uma fita da United — Resurreição — o escriptor, com immensa felicidade, apresentou um excelente trabalho de fundo real, mas como todo o trabalho de imaginação fertil, elle se resente, nos detalhes.

O Principe Russo, principal protagonista, confiado a Roque de La Roque, foi interpretado com raro brilho.

Deu-lhe o conhecido artista da tēla uma vida intensa, um official russo authenticco, com todos os excessos dos officiaes do Czar. A sua enamorada tivēra a tolerancia de uma princesa e o mais formal combate de uma outra princesa, ambas tias do principe russo.

O principe, antes de vestir a farda de official do Czar, possuia os sentimentos da humanidade civil.



Os gallões, o champagne, as mulheres e as grandezas da Côrte moscovita o transformaram num gosador insaciavel.

De volta da primeira etapa da Guerra, o Principe já não se lembrava da mulher que por amor lhe entregara a honra, depois de uma resistencia stoica.

Corrida do Palacio real onde servia como dama as duas princezas solteironas, por ter a mais rispida descoberto que ella não soubera resistir ás tentações do Principe, cujo mal o sangue azul não poderia reparar, andou a pobre moça por debaixo de forte temporal em frente a linha ferreã por onde viu passar na orgia do alcool e nos braços de amores pagos o pae de seu filho.

Afflicta e desattentida, tomada como uma pobre camponesa perdeu-se n'uma situação de miseria sem igual.

Tanto quanto lhe foi possivel, guardou os deveres de quem não vivia para si.

A miseria e a fome venceram os deveres dessa mulher, arrastaram-na aos meios mais infimos. O Principe ao entrar no palacio, onde consumara o seu crime, tivera saudades e recordações de sua victima!

O desastre da guerra, a decadencia de sua familia, melhoraram os sentimentos de consciencia do Principe Demitri.

O governo Russo castigava os faltosos com o degredo na Siberia, territorio de onde o infeliz não chegava a regressar sem nenhum castigo physico, pois a inclemencia da baixa temperatura se encarregava de sepultar esses entes assim martyrisados.

A heroína do drama foi accusada de haver envenenado um abastado e lhe furtado um anel.

Explicou a infeliz que, revelando a uma amiga a sua triste situação e a resistencia que vinha oppondo e opporia ao terrivel satyro, temia, no entanto ser vencida pela força herculea do mesmo.

Então esta lhe offerecera um narcotico, que ella acceitou, narcotico que só teria o effeito de causar a elle somno intenso.

Que nesse estado morbido ella o deixou, podendo retirar-se livremente sem ter sido ferida no seu pudor, e que só depois, com surpresa, viêra a saber de seu fallecimento em consequencia de haver ingerido o narcotico que outra cousa não era sinão um violento veneno.

Formado o Conselho para julgar esse delicto em que era accusada, conselho do qual fazia parte o principe russo, não foi ella innocentada, apesar das provas que apresenou e das supplicas que fez ao referido conselho.

O Principe russo reconhecendo na accusada a mulher que tanto ainda amava fez, sem ser por ella reconhecido, todos os esforços para salvá-la.

Condennada ao degredo perpetuo, causou essa sentença fundo abalo no espirito do Principe que, desde logo, deliberou compartilhar dos soffrimentos de sua amada, seguindo com ella para as frias regiões da Siberia e abrindo mão de todos os seus bens e dignidades.

*Dolores del Rio* que tão notavel desempenho dá a movimentada scena da tēla, foi levada da sala do jury para a prisão até a época da partida com a leva para a Siberia.

Nessa prisão, o Principe teve permissão para visitá-la. Alli a encontrou sob a acção do alcool e da nicotina.



Dolores del Rio sem reconhecer o Principe pediu-lhe algum dinheiro.

Esse seu gesto muito entristecera ao Principe, que bem comprehendeu a afflicção de sua amada. Deu-lhe alguns rublos.

Del Rio afastava-se e foi nesse instante que o Principe, apaixonado, perguntou-lhe: "Não me reconheces"?

A dama das princesas, num supremo esforço, devido ao seu estado anormal, reconheceu aquelle homem por quem tanto ainda soffria, e como que sacudida por uma grande força electrica — fitando-o, supplicou ao creador para leval-a para junto do filho, fructo de seu puro amor e causador involuntario de todos os seus soffrimentos.

O Principe, que fora impedido pelo guarda da prisão de um gesto de carinho para aquella alma em cujo coração bem elle reconhecia, ainda pulsava o mesmo amor, sahiu do presidio mais decidido a seguir-a na triste peregrinação.

O autor do arranjo tirado da obra de Tolstoi conclue: — essas duas almas uniram-se enfim, no deserto do gelo e em chegando ao posto de onde cada qual segue o seu destino — e quando havia chegado a liberdade da accusada, que se podia casar com o homem que tantas provas dava do seu verdadeiro amor, ella preferiu transferir a sua liberdade a outra culposa, deixando o principe na situação angustiosa de um despresado.

Não se pode negar a elegancia desse desfecho nos sentimentos Yankees. Bem diversos, porém, são os sentimentos humanos e christãos principalmente nos latinos.

A mulher desta raça, nenhuma, absolutamente nenhuma, renunciaria a união eterna com aquelle a

quem déra o seu coração e de cujo amor tivera o élo inquebrantável da felicidade conjugal — o filho!

O Principe russo foi tão heroe no seu amôr como a sua eleita o foi nos seus sacrificios e nos seus soffrimentos.

Nada, pois, podia impedir que se unissem pelos laços da Igreja.



## A MORENA DOS BANDEIRANTES

O cinema, cuja maravilha o grande Ruy tanto admirava e frequentava todas as vezes que deixava a sua casa de São Clemente, vae tendo diminuido os seus frequentadores. Ruy morreu antes da substituição da orchestra pela victrola-radio, nos cinemas e nos theatros.

As paizagens, as grandes cachoeiras e suas quedas, no mundo inteiro; os alpes, as montanhas do universo, as diversidades de raças, as florestas e os seus habitantes, que só no cinema poderiam ser conhecidas; as villas e os campos, a boa orchestra, principalmente, conseguiam prender, com muita assiduidade, o "Genio da raça brasileira", nos luxuosos salões da nossa "Cinelândia". Era o segredo da musica, da boa musica, executada pelos artistas em conjunto formado pelas nossas excellentes orchestras, que logravam esse milagre de attrahir o Genio.

Os romances da scena muda — alguns bem mal alinhavados —, tambem divertiam o grande espirito, servindo para apressar-lhe as passagens de horas, que elle destinava ao seu descanso.

O cinema — romance — não muda: são sempre as mesmas figuras, os mesmos figurantes da velha historia de amor, com aquella terminação cujo desfe-



cho já o espectador advinha: casamento, desillusão ou morte. O facto de se desenrolarem esses actos com os mesmos artistas da tēla, cujo numero é muito reduzido, de certo que afugenta dessas casas de espectaculos da scena muda e agora mal falada pela falta de realidades palpaveis, um grande numero de seus apreciadores sobretudo os espiritos mais sagazes, sedentos de numeros novos, de quadro differentes. Concorre substancialmente para isso a substituição violenta da musica harmoniosa das antigas orchestras, que prendiam o ambiente mais exigente pela victrola-radio, que toda a população está farta e enjoada de ouvir em todos os recantos da nossa formosa urbs.

Ainda ha muito que aperfeiçoar o radio-victrola para que elle possa substituir a orchestra. No radio, o annunciante que se antecipa á musica para orientar o ouvinte, ainda não conseguiu fazer reproduzir a sua voz em tom natural, de maneira que essa alteração, talvez pela deficiencia do aparelho receptor e reproductor, cansa o meio de ouvir sempre a mesma voz, com o mesmo cymbre, rouco e aspero, n'um ronco desafinado e intoleravel. Compare-se isto com os sons melodiosos das orchestras, ou das bandas de musica, principalmente no Brasil, onde a nossa approximação com a terra de Mussoline, em materia de musica, é completa, havendo mesmo vantagens nas especialidades brasileiras. No theatro, pela ganancia economica dos seus exploradores, a substituição da orchestra pelo gramofone, de tal maneira entristeceu os espectadores, que muita gente que ia ao theatro mais para ouvir uma boa musica, uma boa orchestra, do que confiante no exito da peça, de lá fugio e corre como antilopes espavoridos pela musica perseguidora dos ensinados cães de caça.

Tem lucrado com isso os meos sportivos. Os cinemas, com as antigas orchestras, não ha duvida que tinham o seu encanto. Uma hora de boa musica vale por horas inteiras de delicia para o espirito.

O velho, empolgado pela boa musica, deixa o espectaculo fazendo um valente esforço para reproduzir o que ouviu, com a cabeça cheia de melodia maravilhosa que lhe remoeu a alma cansada. O moço, o nosso garoto, o pirralho, brasileiro principalmente, sae assoviando tudo aquillo que o maestro levou tempo a escrever e a ensaiar.

Quem sae do cinema ou do theatro economico só traz a impressão, passageira e rapida, do espectaculo ou da tēla, ás vezes enervante. A boa musica, tem a vantagem de supprir o embaraço do artista ou o máo enredo de uma peça. O violino natural tem um poder indisfarçavel: seduz e domina: é como se estivesse entrando dentro do coração, impenetravel...

A' falta de boa musica o povo, cujo, espirito vae, infelizmente, se americanizando, procura nos varios sports passar as horas que lhe sobra do trabalho diario ou da falta do que fazer. Entre os sports não ha quem negue a supremacia das festas que se realizam nas praias, cujos encantos pelo convivio se associam á maravilha do nosso incomparavel azul do céu, nos dias do nosso esfalfante e bello verão. As nossas praias são de uma belleza incomparaveis: Copacabana, Bandeirantes e Barra de Guaratiba não têm rivaes. Não ha nostalgia que resista a uma hora nestes privilegiados recantos da Capital do Paiz. Os estrangeiros, amam e apreciam esses pontos onde a alma se banha no ambiente salitrico, de espumas prateadas...



“Bandeirantes”, no pontal, é verdadeiramente deslumbrante. No sol de Domingo, a praia regorgitava da grande sociedade de Botafogo, ali atrahida pela noticia da corrida de automoveis. A corrida era o pretexto. Ali não havia nada que se pudesse dar o nome de corrida.

De quando em quando chegava ao ponto do Juizo, um carro, que despendera tantos minutos da praia da Tijuca áquelle ponto, palmas!

Mas esse pretexto servio para que a Praia dos Bandeirantes reunisse o que ha de mais selecto no Brasil. Innumeros carros cheios de familias e rapazes, ali chegavam a todo momento. No pequeno e unico Hotel do local uma orchestra obrigava os presentes a se moverem aos seus sons penetrativos! Todos dansavam moços, moças, creanças e até as velhas!

Não havia um logar vago em todo o Hotel: no centro, nas varandas improvisadas, nos fundos, no meio dos jardins. Agora a moda é ser preta. As creoulas e as caboclas estão vingadas. Lá diziam que depois do banho de mar, não sendo o cabello convenientemente bem lavado, a sua côr toma, pela acção dos raios solares, o tom avermelhado, assemelhando-se ao que o vulgo denomina de “ASSO”. Pois neste tom, de maillot, com as carnes vivas expostas áquella canicula, de typo que parecia mixto de cabocla com inglez, estava ali uma encantadora criaturinha, com o seu cachorrinho “Marron” Lúlú, fazendo-se realçar pelo queimado causticante do sol na pelle moça a brancura suave de seus lindos dentes. E toda aquella gente não tirava os olhos d’aquelle typo de moreninha, que no fox-trote do Bar era o contraste com suas linhas impecaveis.

## O DOMINO'

Foi na terça-feira gorda, a Avenida cheia, literalmente, de ponta a ponta, evohé! — grupos, mascaras avulsas envolviam-me por todos os lados. Vi-me em frente a um “dominó” branco e preto. Era uma democrata. Por debaixo da pequenina mascara de seda, scintillavam uns lindos olhos azues, e que linda bocca emmoldurada por uma fileira de dentes alvissimos! Mas quem era aquella creatura tão joven, tão galante e tão mimosa? Formidavel no seu fino espirito, soltava algumas perguntas indiscretas. Era de certo uma conhecida, falava de coisas verosimiveis. Eu não sabia o que responder e mesmo ella não dava tempo pela successão ininterrupta de maliciosas perguntas. E quem estaria no grupo? Fiz uma investigação rapida. Conclui que não havia nenhum barbado. Arrisquei-me: “não continue, direio ao seu marido”!... A pequena não perdeu a linha; disse-me: tenho lido os seus contos no “Correio da Manhã”, “A gaivota” traduz os sentimentos de um homem fino e completo.

— Não comprehendendo, creia, respondi-lhe. Pois olhe, acredite, desde o dia em que li esse conto, fiquei desejosa de lhe dar um aperto de mão, e agora... estendeu-me a mão, vestida de uma luva de pellica bran-



ca. Observei-lhe não ser distincto, cumprimentar alguém com luva calçada. Tirou-a. Antes tal coisa não tivesse feito! Ha muito andava eu desejoso de vêr as mãos dos meus sonhos, e ali estavam ellas! Para atordôal-a um pouco (seu grupo divertia-s para o outro lado, despreoccupado), firmei o meu lança-perfume para os seus olhos — attingi o meu objectivo. O liquido, ligeiramente caustico, obrigara-a a levar as mãos aos olhos suspendendo a mascara, e assim eu pude gozar a belleza daquelle palminho de rosto, no segundo que a sua dôr me proporcionára.

— Está satisfeito? Não sei porque. Pensa que não comprehendi o seu “truc”?

— Não tive nenhuma intenção, sinceramente.

— Teve, sim. Foi egoista e transgrediu a lei de Momo, lei em virtude da qual ninguem deve usar de meios que possam descobrir a pessoa mascarada.

A dôr que experimentei com a sua desattenciosa pontaria para os meus olhos, não me impediu de observar que o senhor, muito de proposito, escolhera a delicadeza desse p<sup>to</sup> para me reconhecer. Mas não a reconheci. E’ a primeira vez... O senhor, bem que me reconheceu e agora não tenho mais graça. Teria muita coisa a dizer-lhe, neste encontro, que, confesso, tanto desejei. Fale, diga, terei uma grande alegria de ouvil-a, nesta noite que considero uma das mais felizes de toda minha vida, fale, juro que não a reconheci. Ainda hontem, no omnibus da Praia de Botafogo, o senhor não tirava os olhos de mim... Não se recorda, quando desembarquei, que eu lhe disse: não fique triste, no outro carnaval nos veremos novamente? Saiba, sou bem sua conhecida. Convenci-me agora de que o senhor não foi feliz na sua argucia — não me reconheceu mesmo.

Adeus, com certeza o senhor não vae se esquecer de mim. Confio.

E foi-se o grupo, o mais lindo da Avenida...

No dizer da joven loira só, daqui ha um anno tornarei a vêr aquelles olhos do paiz dos Galles ou da Siberia. Eu que detestava o carnaval agora sonho com a “democrata”.

Só daqui ha um anno! Que tortura!



## ALMAS IGUAES

Helena, a linda turquinha da rua de S. Francisco, passava as tardes escaldantes em seu perfumado e bem cuidado jardim, despreoccupada, respirando o ar puro que lhe trazia a suave brisa das florestas do Itororó. "Turquinha" era o appellido com que o povo da cidade do littoral paulista baptisara a filha querida do engenheiro chefe das obras federaes de Santos, pela sua semelhança com as filhas da terra de Mustaphá Kemal.

Em frente á sua casa cruzavam-se os bondes da linha José Bonifacio. Durante o pequeno tempo desse encontro de todas as horas, de todos os dias, os seus passageiros admiravam a joven turca e o seu jardim, tão repleto de variadas e esquisitas flores, sob os seus cuidados, em cujo meio a despreoccupada moça parecia viver alheia aos demais acontecimentos mundanos.

A sua grande formosura despertára, como era natural, innumeros admiradores e pretendentes. Simples e captivante, não se escravizára aos excessos da moda; não usava pinturas e nenhum dos artificios que mais realçam a *belleza moderna*.

Por isso mesmo, até aquelles que se diziam livres das artimanhas de Cupido, sentiam-se dominados pe-



las seducções da Turquinha. Nenhum dos rapazes que mais frequentavam os salões da grande sociedade havia conseguido um signal, um gesto, um olhar que lhes indicasse a preferencia no meio daquella porção já de submissos, de obedientes, de fascinados.

Essa sua indiferença, proposital ou não, provocava commentarios em todos os meios. As proprias rivaes — diziam —: tudo aquillo é plano — ella está doidinha pelo Zéca —, e este não sabe tirar proveito da situação — é um fraco, confessa-se dominado! Que tolo: as mulheres só gostam dos homens, que as sabem fazer soffrer. Ah! se eu fosse um homem havia de lhe pregar uma grande peça! Por aquella rua passava, indifferente, ás tardes e ás manhãs, de ida e de volta do trabalho, o joven corretor de fundos. Ernesto Schmidt, bohemio, a quem não havia seducção capaz de o deter! A não serem as flores, que nelle tinham um grande e carinhoso amigo, Ernesto só vivia a vida bohemio, não voltando á sua casa no mesmo dia em que della sahia.

Este facto constituia para o corretor, um verdadeiro sacerdocio, de que elle muito se ufanava. Só no meio alegre das noitadas, encontrava o bohemio de Santos o seu verdadeiro logar.

Ernesto Schmidt era um bohemio elegante, de linhas finas, instruido, de origem allemã; possuia os traços bellos dessa raça de homens masculos. O jardim de Helena, as esquisitas essencias que d'elle se desprendiam, muitas vezes o fizeram parar para contemplar, com um olhar meigo, aquelle mundo de raras flores, em cujo doce aroma elle embebia a sua alma de bohemio, de sonhador.

Helena, teve, afinal, o seu orgulho vencido. O joven corretor, pela sua indiferença propria de bohe-

mio, ferira a fundo o coração d'aquella linda creatura. Ernesto era infallivel n'aquella hora em que elle destinava ás flores do jardim da rua de S. Francisco. Helena, com o coração aos saltos, escondida por detrás das janellas ou dos arbustos de seu parque, contemplava o moço louro. Os seus seios arfavam, os olhos numa afflicção incontida, pareciam querer fulminar a serenidade daquelle homem calmo, acostumado ás oscillações bruscas do mercado de fundos.

Ernesto de nada se apercebera. Helena não queria ser vista por aquelle rapaz tão simples, tão insinuante. Naquelle dia, porém, como o macuco, trahido pelo pio traiçoeiro do caçador, nas grutas humidas das montanhas verdejantes, Helena pisando de leve sobre as folhas seccas ou sobre a relva, — foi presentida pelo bohemio, que se retirava. Parou, contemplou-a. Disfarçou a sua impressão. Olhou-a novamente. Manteve, a custo, a linha de bohemio. Despediu-se das flores, partiu. Helena tremia. Nem um cumprimento... "Não me achou bonita, decerto" — pensara. Estava ferida no seu amor proprio. Depois desses rapidos momentos de funda agonia, cedendo a uma natural rafa-queza, veio até ao portão, abiu-o olhou ao longo da rua, viu onde aquelle rapaz esguio desapareceu, e voltou para o meio das flores sem se deixar trahir aos olhos dos transeuntes... Ernesto já não era o mesmo. Aquella moça — typo de turca, passeava-lhe o espirito.

Ernesto sentia que aquelles olhos lhe tinham sido fataes. Estava empolgado. Seu unico desejo era vê-los, a toda hora, a todo instante. Tinha-os na retina. Eram differentes de todos quantos já havia conhecido. Eta! quando me lembro dos companheiros parece que recobro a liberdade, mas qual, aquelles



olhos... quero vê-los, e partiu. Foi postar-se em frente ao jardim, bem junto das grades bronzeadas, respirando o aroma embriagante daquellas flores...

Helena, em sedas farfalhantes, olhar em fogo, mergulhada num mundo de incertezas, dirigiu-se ao bohemio, em tom de requitada meiguice. "Não sei como lhe agradecer o carinho que dispensa ás minhas companheiras, as flores deste modesto jardim. Tenho acompanhado, desvanecida, o seu grande incommodo, principalmente nos dias chuvosos. Só vejo um meio de demonstrar-lhe o nosso reconhecimento, offerecendo-lhe algumas flores. Ernesto accitou-as... beijou-os, e despediu-se sem maiores expansões.

Ernesto convenceu-se de que era aquella a mulher para ser sua esposa, superando todas as outras, do seu sonho do bohemio. Helena percebeu afinal a perturbação de Ernesto. Estava radiante. Pouco lhe faltava para triumphar.

Ernesto não sabia como deixar aquelle portão. Estava preso. Sentia naquelle corpo, ali tão perto de si, seios arfando, olhar de intenso brilho, o perfume de todas as flores — o seu ideal —. Helena e Ernesto eram duas almas ligadas pela affinidade de seus delicados sentimentos. Viveram sob o perfume das rosas, das violetas, em cujo convívio encontraram a realidade de um sonho que esses dois corações vinham idealizando.

## CASO SERIO...

Ser bohemio — é viver uma vida mais do coração, despreocupado das grandezas, da opulencia, do meio, da sociedade.

Em regra o bohemio é bom, alma cheia de nobreza; soffre pelos pequenos, e vive também, ás vezes, a vida sem conforto, entregue aos falsos amores, aos amores sem compromissos. O bohemio não comprehende ou não se submete, por gosto, áquillo que a sociedade chama deveres sociaes. Também são tamanhos os defeitos da sociedade que lhe falta autoridade para uma sévera critica aos indifferentes do seu convencionalismo.

Certos individuos passam por bohemios só porque, gosando e desfrutando excellente situação, atravessam a vida enganando a familia, entregando-a aos azares do despreso.

Quando muito, esses cavalheiros são uns grandes felizardos. Se algum pobre lhes pede uma esmola, viram-lhe as costas! Se uma ventoinha, uma doidivanas, das espertas, conhecendo a fraqueza do camarada, quer ir ao theatro ou á modista, o falso bohemio puxa a bolada. Não resta a menor duvida que, os



bohemios que não se deixam dominar inteiramente pelo romantismo, passam a primeira phase da vida em jornadas alegres. Ligam-se, ás vezes, por esses taes sentimentos a creaturas feridas pelos mesmos ideaes.

Esses amores, se são assageiros, se não chegam a empolgar a nenhuma das partes, deixam traços vivos de dias apparentemente felizes. Se essas ligações tomam character de união para todos os fins, é um inferno.

Ou são ambos victimas do ciúme, ou principalmente a parte que se quer libertar — desse *captivo* —, não tem mais cerimonia, tudo é pretexto para justificar a volta ao meio antigo. As mulheres, no caso em apreço, são sempre as que têm mais saudades do círculo de onde provieram. Se são almas corrompidas, acostumadas aos beijos faceis, chamam *captivo* ao estadio socegado que o bohemio lhe proporciona. E' uma velha tecla. Tudo que é bom a incommoda.

Na sociedade conjugal, legalizada, tambem não são poucos os casos congeneres. A mulher, a esposa, se não passou por uma severa educação de familia, é, com pequena excepção, um caso perdido. Comtudo, o matrimonio é sempre um freio, desde que a mulher tenha recebido ensinamentos do berço e possua a nobreza d'alma; supporta com mais galhardia as vicissitudes da existencia.

Duas almas que vivem bem, podem-se considerar casadas.

A legalização do acto não passa de um preconceito ou convenção social, aliás necessario, como garantia da prole, mas a felicidade não fica subordinada ao espectáculo apparatoso do casamento, cerimonia que bem podia ser mais discreta, mais intima.

As ligações, que surgem do vicio, mesmo em estado embryonario, trazem sempre más consequencias. E' o amor barato, passa, como vem.

A falta de educação e de meio saneador, levam pobres creaturas a excessos e revanches grosseiras.

O homem, no caso em questão, é sempre a parte mais fraca. O bohemio não é um corrupto. Tem a illusão de que vive melhor nas noitadas. Neste meio conhece companheiras alegres, affeição-se, e, ás vezes, até apaixona-se. Neste estado d'alma, verdadeiro estado pathologico, pratica fraquezas, desatinos.

Se algum amigo o procura aconselhar — faz-se inimigo.

Em geral, a companheira de farras gosa com o escandalo, fica valorizada e se diz victima, enquanto o bohemio annulla-se para ella e para a sociedade.

São os casos de todos os dias.

Um rapaz de excellente meio, apaixonou-se por uma linda professora, alegre, cheia de faltas. A professora apparentou estar dominada pelos mesmos sentimentos do rapaz.

Foram viver juntos. Eram bohemios. O dinheiro do rapaz era curto. Acabou-se. O amor da professora, como o dinheiro do bohemio, foi tambem se acabando, logo que ella sentiu que, para viverem, teriam ambos de trabalhar. Nasceram as desintelligencias, a frieza desta, enquanto crescia a paixão, cada vez mais violenta, no coração daquelle, talvez pelo amor do desprezo, devido ao seu estado de pobreza, e em seguida o desfecho. Elle, desilludido, desvairado, vendo, com seus proprios olhos, a sua amada procurar novos amores, chamou-a á fala — foi troçado; — homem sem dinheiro quer ter mulher — era só o que faltava! Pro-



tegido pelo seu anjo da guarda, recolheu á sua arma, fumegante, e voltou á sociedade, arrependido da vida bohemia. De onde se conclue que ha espinhos de todos os lados.

A gyria tem a sua logica, quando diz que a mulher é um caso serio... Que fazer? Passar sem ellas?

.....  
Já teria nascido esse heroe?

## NA TERRA DOS AREÕES

Em Sarapulhy, por motivo da nomeação de uma autoridade local, houve, ha annos passados, festas excepcionaes. O acontecimento teve larga repercussão nesta capital. Quasi todos os moradores do logar e muitos de fóra compareceram ao grande baile, no Club das Violetas. Ao banquete, que esteve excellente, não faltou um só dos convidados, em numero bastante elevado.

A's 8 horas em ponto, a musica, deu o signal da presença da autoridade já empossada. Todos se descobriram á entrada do Sr. Commissario, e nos vastos salões do Club, repleto da melhor sociedade da terra dos lindos areões, houve muitas petalas de rosas atiradas sobre a cabeça do mantedor da ordem.

Não havia, naquelle tempo, luz electrica no logar, mas não faltaram lampadas de todas as côres por todos os lados, em larga profusão, de gaz de acetyleno. O Sr. Lecriñe, agraciado com a importante distincção, era um cavalheiro magro, de pouca altura, e tinha a expressão de homem não polido.

No entanto, forçoso é confessar, o Sr. Commissario tinha maneiras amaveis, embora de olhares severos, como, aliás convinha ao exercicio de tão nobre investidura. De momento a momento chegavam con-



vidados que logo se apresentavam ao Sr. Lecrine, recebendo cada pessoa um forte aperto de mão, a melhor maneira de agradecimento da distincta autoridade. Já passavam das 10 horas e ninguém dava noticia do banquete. Havia, por isso mesmo, manifestos signaes de enxaqueca em muitos dos convidados, pelo atrazado classico leitão com recheio de farofia amanteigada. O proprio Sr. Lecrine praticava a incivilidade de, premido pela fome, estar sempre bocejando. Teve que fazer uso de sua inconteste autoridade, e assim todo aquelle mal, oriundo de estomago vasio cessou.

Em poucos minutos, uma sala que se mantivera indifferente aos acontecimentos do dia, surgiu engalanada, cheia de flores, de frutos com cabo pendurados no fio de pesca das caraunas, das piabas e de outros saborosos peixinhos.

O primeiro orador, offerecendo o jantar ao Sr. Commissario, não esqueceu uma só das virtudes da zelosa autoridade.

Ali tambem morava o primeiro supplente do Juiz da Camara, que estava presente. O orador não esqueceu de lhe realçar a virtude de sua presença em homenagem ao Sr. Commissario.

O Sr. juiz reconhecido á lembrança do orador não se conteve, *disse*: sou a autoridade maior — o Sr. fez bem em lembrar a minha presença aqui. Trata-se como os Srs. bem vêem, de uma justa homenagem, e foi um dos melhores actos do Presidente do Estado.

O Sr. Lecrine terá, em breve, outras distincções, estou certo. O nosso Estado precisa de homens e o facto de não ser o Sr. Lecrine fluminense, não o impedirá de receber, como outros tantos, uma cadeira na Camara estadual ou mesmo federal.

O Sr. Commissario, visivelmente emocionado, ergueu a sua taça e, respondendo ao juiz supplente, disse que lhe agradecia os bons augurios, com esperanças de ir á “salinha”; tinha mais direito que muitos outros, verdadeiros felizardos, que nem sequer tiveram o trabalho de ir ás urnas.

O brinde de honra, como não podia deixar de ser, foi levantado ao Presidente do Estado.

O Sr. Commissario foi para o salão. Iniciaram-se logo ás dansas, que se mantiveram sempre muito animadas. No momento em que o mestre da banda dava o signal da grande *quadrilha*, em honra, da autoridade surgiu um grave acontecimento que fez espalhar os quadrilheiros.

Um individuo desconhecido e que não fôra convidado para as festas do dia, entrou no salão e sem dizer quem era, sem apresentação, pegou pelo braço uma senhorita, sem ter vis-a-vis, e intrometteu-se no meio dos pares, já em linha.

Recebendo uma amavel ponderação da dama, desattendeu-a em termos descortezes pelo que foi intimado a deixar o salão.

Declarou desconhecer qualquer parcella de autoridade nas pessoas presentes para o fazer passar por tão duro vexame.

O Sr. Commissario, com toda polidez, fez-lhe sentir a sua qualidade.

O mestiço teimou em não sahir. Exhibiu ponteguda arma — foi um sarilho.

Deante daquellas *razões politicas*, todos os convidados voltaram-se para a pessoa do Sr. Commissario. Este, com grande serenidade, gritou para o intruso que sahisse se não queria cahir ali mesmo, atravessado por



uma bala. O mestiço não recuou. Disse: o Sr. está enganado, sou um dos vereadores da comarca.

Quando moço, surrei meu pae a cacete, e vem d'ahi a minha sorte. Hoje tenho casas, não pago impostos, faço *lezes*, requeiro urgencia, sou um bicho. Não duvide, senão a sua facha de Commissario será rasgada.

O Sr Lecrine succumbiu. Viu, que estava mesmo diante de um "grande", contra o qual, no momento, não havia remedio capaz de produzir efeitos seguros.

Aconselhou o presidente do Club que para maior segurança, desse a festa por terminada, e convidasse o vereador para outra ordem de diversões: — o lasquinet, o baccarat, a roleta. Assim aconteceu. O vereador, radiante, deu parabens ao Sr. Commissario.

E a festa, a linda festa, de numeros pomposos, terminou ao paladar das autoridades daquelle recanto fluminense, foi uma noitada completa, historica — vinhos, jogos, placas a baixo.

## A RONDA DA LOUCURA

Aroldo caminhava sem destino. Desceu a rua do Ouvidor e ao chegar a rua 1.º de Março, no antigo Carceller, encontrou uma joven que a elle se dirigiu pedindo lhe informasse se demoravam os bondes para Santa Luzia.

— Não tenho bem certeza, respondeu, mas creio que esses bondes fazem a volta ali em frente á Repartição Geral dos Telegraphos. Apresentando uma singular ingenuidade, a magrinha creatura pediu ao robusto rapagão para leval-a ao lugar indicado. Aroldo, prazerosamente, acquiesceu. Seguiram juntos. A menina era um pouco tagarella. Vestia-se com simplicidade, e um pouco desalinhada. Sobre a cabeça trazia um rhapéo grande, de plumas, uma das quaes, lhe vedava a vista, pelo lado direito. Esse esquisito ornamento dava-lhe, entretanto, um particular e interessante realce. Póde-se mesmo affirmar que só elle attrahia os olhares mais severos. A sua cabeça movia-se, com certa agitação, talvez mesmo pelo excessivo tamanho do chapéo. E nessa agitação estava o chic, o donaire dessa sympathica e attrahente creatura.



Aroldo fazia um exame demorado na pequena. Acostumado as victorias faceis, considerou-se logo triumphante.

Não a achava bonita de encher os olhos, mas tinha, dizia, encantos que sobrepujavam as mais lindas.

O talho irregular de seu labio superior, a alvura de seus correctos dentes, numa expressão de constante e communicativa alegria, fizeram, uma reviravolta no laureado academico. Chegou o bonde. Ia tomal-o, quando Aroldo lhe pediu que esperasse um outro, que não demoraria. Attendeu-o. O outro carro pouco se demorou.

Já estava no vehiculo sentada e Aroldo lhe ignorava o nome e a casa de sua residencia. O bonde partiu. Ella esperou que elle a acompanhasse. Aroldo tivera intenção de seguil-a, no entanto, fôra vencido por um estranho poder, que o manteve immovel, olhar fixo no carro até que elle desapareceu. Aroldo voltou á rua do Ouvidor. Não revelou a ninguém o que com elle se passára. Correram dias e dias e Aroldo, sempre pensando naquelle caso e muito desejoso de um novo encontro. De um excellente alumno que era passou a ter faltas seguidas.

Aquella scena do Carceller não lhe sahia do espirito, seus collegas notavam a grande modificação por que passara aquelle companheiro alegre e folgazão, hoje tão arredio de sua turma e dos folguedos academicos.

Um estudante do alto Amazonas, contava a historia de uma sucury que attrahia os animaes e até as pessoas, enrodilhando-se no seu corpo e fulminando-os num segundo, para depois, em poucos momentos, engolil-os inteiros! Applicando *el cuento*, dizia: "com certeza o nosso Aroldo está sob os influxos de alguma

perigosa serpente. Vamos salvall-o que é o nosso dever".

Aroldo ria-se dos companheiros quando estes lhe falavam de amores e dizia-lhes: vocês estão enganados, as cobras não me mordem...

Sua nostalgia continuava: pouco dinheiro, pouco tempo e muitas disciplinas, coisas que lhe remordiam o espirito.

Uma companhia portugueza, de operetas e revistas, estreava num dos nossos theatros. Aroldo acabava de receber a sua excellente mesada, e resolveu comparecer a estréa.

Mettido no seu elegante smoking dirigiu-se ao São Pedro. Adquirida a sua poltrona, numa das primeiras filas, penetrou no grande theatro e sentiu, depois de tanto tempo de angustia, os primeiros movimentos de relativo socego.

A orchestra produziu o milagre de sacudir aquelle coração em estado morbido. A seu lado ficára uma poltrona vazia. Inteiramente absorto pelo bom desempenho da peça, não reparou na que viera occupar esta cadeira. Sentia no entanto, naquelle rico ambiente, um perfume igual ao que usava a joven do chapéo de plumas grandes. Que bella illusão, dizia, e que immensa felicidade experimentava em ter vindo assistir a esta peça...

Numa daquellas constantes scenas, a luz da platéa foi apagada, e nessa occasião Aroldo sentiu roçar-lhe ao rosto a finura de uma aigrette, perfumada, — era a menina das plumas!

Fatal coincidencia. Aroldo ficou mudo e Yolanda ria, ria, sem poder conter a exaltação de seus nervos.



Não se separaram mais. Quando se tinha de falar de amor livre, aquelle par era lembrado, como exemplo de felicidade.

Aroldo prosperava.

Sua fortuna e boa fama cresceram bem alto. Yolanda fez muitas amizadas. A simplicidade de seu trato, o seu constante desejo de fazer bem lhe deram forte notoriedade em todos os meios sociaes.

Mas, não ha bem que sempre dure. Aroldo começou a notar que sua companheira emmagrecia. Falta-lhe somno seguido. Chamou um medico amigo e este fez na doente um exame demorado, em virtude do qual concluiu ser-lhe necessario completo repouso, fóra desta capital, aconselhando os pontos altos da nossa incomparavel flóra. Palmeiras foi o lugar escolhido. Ali installados, Aroldo e Yolanda, correram os primeiros tempos com relativa felicidade. Aroldo teve que descer num dia e depois quasi diariamente, por força de seus negocios. Yolanda ficava sempre acompanhada de carinhosas amigas.

Uma carta, aberta por Yolanda, de certo estabelecimento commercial, endereçada a Aroldo, exigia deste o pagamento de avultada somma, vencida, e cujo titulo já estava em protesto. Cautelosamente Yolanda fechou-a de novo, não revelando ao companheiro querido que conhecia a sua penosa situação.

Aroldo conseguiu solver os seus compromissos e normalizou os seus negocios. Yolanda, a despeito de todos os desvelos, peorava sempre. Seus nervos davam signaes seguidos de sua grande depressão. Aroldo inquietava-se e redobrava de carinhos. Sua companheira foi se tornando irascivel. Numa noite de lindo luar, Yolanda começou a andar em roda da aprazivel vivenda, enquanto Aroldo, da pequena varanda, acom-

panhava os seus passos. Na curva final da volta em torno do edificio, Yolanda parou. Aroldo não lhe ouviu mais os passos. Fez-se um grande silencio, só quebrado, ás vezes, pelo uivar agourento do fiel cão de vigia. Sacudido por um triste presentimento, Aroldo sahiu em procura da companheira.

Encontrou-a de joelhos, com os olhos voltados para o céu, numa supplica ao Supremo Redemptor pela felicidade de seu companheiro, repetindo phrases da carta que violára, e ria, ria relembrando a sua grande felicidade na noite da estréa do theatro São Pedro.

Aroldo, só nesse instante, comprehendeu o motivo da aggravação do mal de sua companheira. Sob lagrimas incontidas tomou-a carinhosamente nos braços; e a lua, testemunha muda dessa scena innenarravel, recolheu-se em homenagem a Yolanda; deixou que as trevas, no seu negror, apavorante, acompanhassem as victimas da fatalidade, nessa hora de tremenda agonia.

E lá na montanha florida, onde as cigarras dominam e onde o espirito se refaz, o romance da ronda da louca tornou-se uma lenda.



## “MÃOS DE FERRO”

Accordamos de bom humor e prophetizamos um dia cheio de venturas, de alegrias.

Sahimos, com um sorriso para os que ficam, e logo na primeira esquina encontramos um individuo que não nos falou, que nada nos fez, mas que nos roubou toda a tranquillidade.

Esse typo, que apenas nos fitou, decerto que possui um raro e estranho poder pois foram somente seus olhos os factores da terrivel transformação porque passamos! E assim ficamos o dia inteiro e ás vezes uma semana a fio, empolgados por aquella figura e sob o dominio de incontido e innenarravel aborrecimento.

A sua carcassa fez-nos tremer.

A natureza, em seus sabios ensinamentos, assignala o typo com esses tons de maldade visivel para que delle fujamos como quem foge da peste, do cancro, da guerra. Mas como evitar esses encontros?

Fomos fazer uma pequena viagem. Vencidos pelo cansaço, entramos em uma “tasca” e junto do balcão, como que collado ao mesmo, estava o homem que poucos dias antes nos havia tão duramente impressionado pelo tom de requintada maldade, desenhada na sua physionomia de monstro.



Ouvimos chamar-lhe D. Ramon e que era filho da Catalunha de onde viera já homem feito, empregando-se na estiva, afanoso trabalho, onde só os individuos verdadeiramente fortes conseguiam supportar o pesado serviço de transportar, ás costas, saccas de café, de terra para bordo, em pranchas moveis e longas. Alguns desses monstros, de fórmãs humanas, conseguiam carregar de uma só vez duas e até tres saccas, pesando cada uma sessenta kilos! D. Ramon era do numero destes. Seu typo physico, entretanto, não o recommendava, pois era de apparencia franzina.

De feitio glacial, olhar morto, a sua mascara era desinteressante e gelava.

De busto longo, membros inferiores curtos trazia sempre a calça a cahir pela barriga abaixo, obrigando-o a um movimento constante para suspendel-a.

Usava fumo de rôlo para fazer os seus cigarros de palha; cortava-os com um canivete que denominava Sevilhana, arma que ao abrir dava dois ou tres estálos fortes.

Mantinha-se sempre em grande mutismo; não tinha expressão de alegria nem de dôr.

Todas essas maneiras desagradaveis, o tornavam temido.

Nessa mesma "tasca" assistia elle ao desenrolar de uma contenda entre dois irmãos que se estimavam e Ramon, sem nenhum motivo, intempestivamente, aproxima-se de ambos e esbofeteia um delles. A scena, como é facil de prevêr, causou em todos os presentes a maior indignação. Conhecendo os dois irmãos os instinctos perversos desse monstro, não tomaram nenhuma attitude contra o mesmo e retiraram-se.

No local, entretanto, o caso ficou fervendo e os commentarios tomaram largas proporções. A casa de

negocio em que Ramon estava foi-se enchendo, e esse malvado encostado no ponto donde sahira sómente para ultrajar os dois irmãos, ali se conservava. Algumas pessoas attrahidas pela noticia dessa selvagem aggressão, que correu celere por todo o logar chegavam ao estabelecimento para colher informes, e sem conhecer o malvado a elle proprio se dirigiam indagando do occorrido. Irritado com essas perguntas a um delles declarou que fôra elle mesmo o autor das bofetadas, e que se continuassem a aborrecel-o, repetiria a lição em qualquer outro.

O offendido por essa ameaça, um Sr. Vergara, era tambem um individuo que desconhecia o temor; enfrentou-o corajosamente, subjugando-o.

A luta foi de dois leões. Tudo quanto esteve ao alcance de ambos foi utilizado e inutilizado.

Na rua o povo em massa, sem intervir, tinha expressões de encorajamento para o desconhecido, verdadeiro louco, que tivera a coragem de enfrentar o perigoso e conhecido bandido.

Vergara não perdia nenhum dos movimentos do traíçoeiro hespanhol. Ramon, mesmo subjugado pelo terrivel competidor, ameaçava a multidão, no meio da qual parecia procurar alguém. A luta se eternizava. Vergara sentiu emfim que o bandido começava a suar frio, seus musculos cediam, eram evidentes os signaes de fraqueza.

Teve um gesto de generosidade, — libertou-o. Ramon desembaraçado das mãos de ferro de Vergara, viu-se desmoralizado. Sem que ninguem pudesse evitar, num salto de indiscriptivel ligeireza, Ramon atira a sevilhana contra o abdomen de Vergara e vencido de o haver atravessado, apanhou a arma no chão e alcança a rua, empunhando-a.



Foi um momento de horror. Todos fugiam, aos gritos de soccorro.

Num pequeno grupo restante estavam os dois irmãos, que foram a causa involuntaria da terrível contenda.

Ramon procurava-os. Sem lhes dizer uma palavra, desfechou-lhes innumerados golpes, prostrando-os mortalmente feridos. E aproveitando-se da confusão e do terror, Ramon procura galgar o muro em frente.

Nesse instante, ouviu-se uma detonação seguida de um grito — era Vergara que dizia: Vinguei esses pobres moços, victimas da cobardia desse bruto, desse miseravel.

O hespanhol arquejava; pedia á policia que não o deixasse matar; estava apavorado.

Do orificio da entrada da bala corria um filete de sangue; no seu rosto apparecia a pallidez da morte.

E Ramon desapareceu com o justo castigo de quem tripudia sobre os fracos e abusa dos pequeninos.

## IGUASSÚ

### *Deserto grandioso*

Anninha morava na casa que fôra, ha annos passados, a residencia do padre.

A villa, outr'ora, rica, opulenta, celleiro desta capital, berço de homens illustres, está hoje deshabitada e entregue ao mais cruel abandono.

Fôra ali, a séde do grande e prospero municipio fluminense.

Presidiu-o, como primeiro magistrado, entre outros, o notavel mestre e jurista, Dr. Rodrigo Octavio.

Data a sua lamentavel decadencia do inicio da estrada de ferro.

Este factor do progresso, nalguns casos, como no presente, contraria a regra. Toda a exportação paulista, fluminense e mineira escoava para esta capital, sob o lombo de animaes, pela "União e Industria", até á villa de Iguassú e ahi, em lanchas e pranchões, atracados ao porto da villa, desciam o caudaloso rio que



dá nome ao município e vinham até este mercado. O fôro do lugar tinha ali regular movimento. O advogado Castilho era nesse tempo a figura de maior nome e de maior relevo desde a foz até ás nascentes do Iguassú. As ruas da villa eram calçadas, havendo agua e bôa, como bôas são todas as que abastecem esta capital, e que nasceu no município de Iguassú.

Ha cincoenta annos passados toda a cordilheira e as encostas do Iguassú produziã café e excellente. Ainda hoje se encontra a rubiacea como planta agreste em todas as direcções em contorno com as suas montanhas verdejantes.

Iguassú fôra uma villa uberríma e o seu sólo continúa a ser de uma fertilidade verdadeiramente exuberante.

A pesca constituia uma das grandes riquezas do rio Iguassú.

A sua proximidade com o oceano, onde desagua, offerece-lhe condições de excepcional fortuna. Os robalos, as tainhas e outros peixes do mar invadem o grande rio, em certa época do anno, e ali desovam no seu leito.

A reproducção da especie augmenta como é curial, o seu poder piscoso.

A caça tambem ali era importantíssima. Na imensa floresta que margeia todo o Iguassú e se estende até ás cercanias, do Tinguá, Xerem, Galvão, São Pedro, Mantiqueira e Rio D'Ouro, é consideravel a variedade de animaes rasteiros e passaros, como sejam: a onça vermelha, o veado, a paca, o tamanduá bandeira, a preguiça, o coelho, porco do matto, a capivara, a gambá, o furão, o mão pelada, formidavel devorador dos cannaviaes, o caxixe, o tatú e ainda outros. Na ordem das aves, temos o macuco-rei das florestas, o

jacútinga e assú; os inhambús-assú, tirorim e capoeira; as pombas trocal, cabocla (gemedeira) juritys, o rolão; a pomba espelho; as rolas vermelhas e cinzentas; o tucano; os urús e outros.

Havia, e ainda ha, raros passaros cantores e outros ornamentos da matta. Nas grimpas das canelleiras de todas as qualidades, do páo-ferro, do páo-brasil, do jequitibá, do cedro, do roxinho, da peroba, rosa e de campos, da graúna, do ipé amarello, do chorão em flor, dos massaranduba, cantam as trocães, os sabiás una, sica, póca, colleira e a laranjeira.

Nos espinheiros, á beira dos valados, ou nos ingazeiros dos pequenos afluentes do Iguassú ouvem-se o famoso bicudo, muito conhecido nas Alagôas (Estado), oriundo deste município fluminense, o avinhado (coriô), o coleiro do brejo, o canario da terra, o pintasirgo, o brejal, o chorão, o azulão, a cigarra verdadeira de bico amarello, o caboclinho, a viuvinha, o trinca ferro, o pica-páo, o periquito, as maitacas e o Martins-pescador.

No meio dos brejaes, o João Canhão, a sanan, o socó; nas lagôas e riachos correntes, as garças, os quero-quero, os frangos, dagua, os estudantes pobres, as piassócas, o bico rasteiro (Narcejas), as marrecas e os patos do matto, as irerês e outros. Em toda floresta encontram-se uma infinidade de collibris, de esquisita e rara plumagem.

Nos campos temos o bem-te-vi, o siberiry, a Maria preta, o vira, o pica-páo do campo, os annús branco e preto, o João de Barros; na restinga e nas queimadas a saracura grande e a saracura pequena.

Encontramos ainda á beira das estradas as chôcas, as vendeiras, o trica-ferro, o cova-cova, o bacurão, viajeiro das noites de luar; nos capinsaes em flôr; os bi-



cos de lacre, o coleiro papa-capim, o bilisio; na matta virgem, o jacú, a trocal, a caparaçoba, o tucano, a araponga e muitos outros passaros; nos pomares, os sanchãos, os gaturamos, as marrequinhas, as sahiras, os tiês sangue, pardo e preto; os tico-ticos, dos grandes e outros.

---

No sol da virada, das duas da tarde, Anninha apanhava agua em uma bica fronteira ao cemiterio municipal, com uma pequena filhinha ao lado. Trazia a sua cabeça envolta em um panno branco e os seus lindos olhos scintillaram ao avistar-nos. Aquella estupenda creatura ali sozinha nos surpreendeu. Indagamos:

— Como nos explica a Sra. viver nestas ruínas tudo no chão — casas, muros, o porto entulhado; o rancho tombado para um lado; a casa dos Mellos abandonada? Que horror! Diga-nos: Como póde viver aqui?

— Lavo algumas roupas para uns corajosos moradores do Caxirbmo — respondeu — e dessa pequena renda consigo o necessario para não morrer de fome. Através de suas vestes pobres, Anninha, apresentava linhas e contornos verdadeiramente empolgantes.

Seu corpo esguio, franzino, tinha a ornamental-o pés pequeninos, bem feitos: mãos de verdadeira fidalga amparavam braços esculpturaes. O seu collo arfava. A sua cabeça era uma perfeita maravilha, mesmo no desalinho natural de quem não se preocupava com o arranjo dos seus ondulados e sedosos cabellos negros.

Intelligente, como todas as mulheres, Anninha tinha percebido a nossa admiração. Em seguida convi-

dou-nos para uma visita á sua casa, a dois passos da igreja. Seguimos, a seu lado, sempre a ouvil-a e compadecidos de sua desventura. — A senhora, quando a avistámos, cantarolava, de maneira que tivemos a impressão de que não se deixou empolgar pela tristeza do logar.

Depois de pequena pausa, respondeu-nos: — Tenho este entezinho, que é a minha vida, e só em olhar para elle sinto todas as alegrias.

Tive um companheiro, o pae desta creança, que ha pouco falleceu de molestia incuravel. Elle morreu nesta casa e está enterrado ali no cemiterio. Não tive coragem de deixal-o ali sozinho — todos os dias eu e minha filhinha vamos levar-lhe flôres e saudades.

---

Ficamos perplexos! Lá na provincia, na villa abandonada, os sentimentos verdadeiros se sobrepõem á falsa nobreza das grandes cidades. Aquella pobre e linda mulher, com uma filhinha, torturadas ambas pela miseria e pelas febres, não podiam deixar a terra dos soffrimentos para que não ficasse sem as flôres da saudade o companheiro victimado nas lutas do dever! A noite vinha chegando, Anninha nos avisou do perigo de sermos picados pelos mosquitos, nas primeiras horas a seguir. Partimos. A grandeza e a decadencia do Iguassú, nos empolgára. A sua legendaria Matriz, as suas ruínas, as suas necropoles envelhecidas e cobertas de limo preto da acção do tempo, a heroína do deserto grandioso, tudo nos preocupava. Os bacurãos caminhavam na nossa frente. Com o vento favoravel ainda ouviamos, já bastante longe, os gemi-



dos do gigante, descendo o leito em conflicto com os ingazeiros, amparo das ribanceiras esburacadas pela correnteza volumosa das aguas do grande rio.

Não ha tradição que resista ao desespero dos povos.

E o Iguassú dorme tranquillo, soberbo, orgulhoso de seu passado de glorias, na indifferença dos seus administradores e no esquecimento de seus filhos...

## MARIDOS SOLTEIROS

Um escriptor americano, dos que escrevem para os cinemas, lembrou-se de aproveitar o suggestivo titulo — Maridos Solteiros — e fez exhibir na tela um romance pouco parecido com a epigraphe interessante.

Attrahidos pelo excellente reclame da casa que até distribuiu, em cartão postal, um convite a todas as senhoras — para que não deixassem de assistir ao divertido film, fomos ao Capitolio ver correr a fita.

Como dissemos, o escriptor muito se afastou do que em verdade diz o titulo — Maridos Solteiros. Não experimentamos, propriamente, uma decepção ao assistirmos á exhibição do film. O escriptor, lá como poudé, sempre compoz as coisas de maneira a se tornar entendido. Se o escriptor tivesse feito uma ligeira visita a esta grande terra de onde Lloyd George acaba de deixar e levar magnificas impressões, teria dado aos seus innumerados clientes um numero completo e pomposo. Aqui, sim, póde-se dizer, que a fidelidade conjugal, é uma dourada mentira.

Mas não pensem que somente os barbados concorrem para essa mentira, hoje tão enraizada nos costumes e usos da sociedade.



Estes, é verdade, em grande escala, vivem nos clubs, nos theatros, nos bars, esquecidos de todos os deveres.

Só na manhã do dia seguinte conseguem vêr a esposa de quem desde á vespera, cedo, se afastaram com saudades, é claro.

A mulher, já acostumada a essas coisas, vive nos cinemas. Fica apaixonada pelo artista "tal". Discute em casa sobre o referido interprete da scena muda, lá pelas duas da tarde, quando o marido accorda; ella só tem uma preocupação, que é saber se elle foi feliz durante a noitada e se trouxe dinheiro bastante para a costureira, o cabelleireiro, o sapato esteirinha, um chapéo novo, um novo perfume do Basin e para convidar Mariasinha para um chá, enquanto o marido está em casa.

Se a roda da "fortuna" correu bem, a esposa não desaconselha ao marido do máo meio em que vive, embora lhe fale da ausencia tão prolongada... Mas, se o jogo não deu, grita logo: Que infortunio, casei-me com um homem que só apparece em casa pela manhã, passando o resto do dia e a noite nos meios alegres, deixando sua familia abandonada, e sem recursos! Isto tudo, em altas vozes, para que os vizinhos saibam. Algumas vão mesmo ao vizinho mais intimo e appellam para a bondade do filho mais velho, aquelle que vae com a Mariasinha ao chá, enquanto o homem está em casa, e, revoltadas, apresentam ao esposo o resultado do credito de que dispõem...

O chá é servido da mesma maneira e neste dia até uma vagem de baunilha perfuma o "téa" indiano. O marido sae. Os commentarios continuam. Os creados, quasi sempre de accordo com as patrôas, também profligam as falhas do marido. O esposo sae de

cabeça escaldante. Na rua, se não é um viciado completo, um inveterado, pensa em mudar de vida.

Aos seus ouvidos já chegaram rumores — sua mulher não sahe da rua, vive nos cinemas, nas modistas, na casa das amigas, nos dentistas, a casa vae á matroca. Volta á casa, a esposa já sahiu. Com maneiras e intelligencia, interpella os creados.

Vê confirmados os rumores. Deixa-se ficar em casa. Lá pelas tantas ella chega e ao saber que o marido está em casa, fantasia a enfermidade de uma amiga á beira de cujo leito esteve até aquella hora. O marido acceita a explicação. No dia seguinte sae e procura um amigo a quem expõe a sua situação e obtém um logar na praça.

Volta, contente, para dizer á esposa que será um marido exemplar, e a esposa não está em casa. Está na casa da Mariasinha, em frente.

Manda-a chamar e diz-lhe: já commetti muitas faltas, reconheço.

Agora sou um homem de responsabilidades. Espero que a senhora tenha bem comprehendido os seus deveres.

A acção foi de um raio. A esposa fica attonita.

O marido continua: almoço ás 11 horas e jantar ás 6.

Os meus recursos não dão para mais de uma creada.

Ao cinema, ás visitas, de hoje em deante, iremos juntos.

A esposa que tanto desejava a regeneração do marido, que exprobava pela vizinhança as suas faltas, não mais se quíz ajustar á vida de senhora.



Só pensava nos artistas e detestava a casa e a família.

— Não, meu marido, — disse — isto não é vida — vou-me embora. Você vai continuar a ser “um marido solteiro”...

## O CASAMENTO E A MODA

Não ha quem não guarde vivas recordações do passado.

A evolução, tudo modernizando, destruiu praxes, usos e modas. O que hoje a gente, sem nenhum esforço vê e goza, noutros tempos, mesmo com largos exercicios de acrobacia, só conseguia apenas illudir-se, porque as mulheres, antegozando os sacrificios gymnasticos dos homens, tinham o preciso cuidado de conserval-os na ignorancia da realidade de suas formas e segredos femininos.

Vêr uma perna!

Os velhos, principalmente, formavam em linha militar, logo que um bonde se approximava do ponto. As senhoras, e as moças entreolhavam-se, parecia que combinavam o meio de combate.

Usavam vestidos compridos, lindas tranças de cabellos, cinturinha fina, saia a balão, escondendo algum pésinho porventura meio irreverente...

Ora, adivinhar-se o que na realidade continha debaixo daquellas vestes fradescas, era um problema, e na decifração deste, estava o X que só se resolvia pelo casamento.



Não ha duvida que esse segredo tinha seus encantos, a mulher exercia um papel verdadeiramente preponderante sobre os homens.

Estes, desejosos de penetrar nos taes mysterios, que tanto lhes preocupava o egoismo do homem, num verdadeiro ambiente de duvidas, apressavam os papéis para o casamento, e este, em geral, se realizava com pompas excepçionaes, como ainda hoje acontece na Rumania, na qual após a celebração do acto da união dos dois amantes, os festejos se succedem durante 8 a 10 dias.

Hoje, o casamento está transformado num acto verdadeiramente simples, como simples celebração de um contrato de interesses reciprocos. As mulheres de hoje não têm encantos occultos. Tudo está á vista. O casamento escasseia e faz temor.

A nudez publica esfria, mata o enthusiasmo, a illusão. E' uma realidade de mais. E' verdade que naquelles tempos os homens experimentavam, ás vezes, decepções crueis, — era um castello abaixo, uma illusão que se desfazia, mas tinham tambem o remedio em mãos, que era conservar a moda.

Na actualidade, com os vestidos acima dos joelhos e pernas trançadas sobre o alto, o cavalheiro já sabe se leva pernas finas ou grossas, tortas ambas, ou se sómente uma dellas tem fórma de arco de barril; se o seu corpinho é esguio e se as protuberancias são verdadeiras ou postiças. Quando a mulher é realmente bonita, os seus excessos chamam a attenção e não é para menos. São attingidas em cheio por todos os olhares, principalmente pela objectiva ferina dos satyros. As que não são bellas, ou melhor, as que são menos bonitas, soffrem horivelmente, porque, sendo

todas igualmente vaidosas, não se vêem admiradas nem pelos velhos!

Ha, pois, nesse ambiente de desigualdade, um grande mal, que não ha como esconder.

A moda antiga tinha a sua vantagem sobre a moderna, principalmente para as mulheres. Naquelles tempos aos sabbados, principal dia escolhido para esse grande acontecimento social — o casamento —, as igrejas enchiam-se, e esses actos eram realizados em grande numero. Hoje já o sabbado não é dia chic. São preferidas as quintas-feiras e outros dias mortos da semana, e, segundo a estatística ecclesiastica e o registro civil, vão os casamentos diminuindo de anno para anno, emquanto o numero de solteironas, cresce assustadoramente.

O numero de mulheres nervosas já é sem conta.

Os homens, em geral, são favoraveis ás evoluções por que têm passado as modas.

Vêr uma mulher semi-núa em plena Avenida é uma maravilha, mas forçoso é confessar que essa admiração mais afasta o pretendente ao casamento.

Já viu bastante, e o casamento póde ser adiado...

As recordações e as vantagens do passado vão influindo sobre a moda — os vestidos começam a descer um *pedacinho*, abaixo da rotula! E' o quanto basta para não haver mais solteironas.



## A MASCARA COR DE ROSA

Um anno de espera!

Aquelles olhos azues ficaram morando no meu espirito. Finalmente o novo carnaval chega e com elle toda a minha esperança de tornar a ver aquella creatura tão fóra do commum, que me falara no omnibus da praia de Botafogo: — “não fique triste não, no outro carnaval nos tornaremos a ver”. Já tinha perdido a calma. Fui á praia, tomei todos os omnibus, fui a todos os pontos chics e nada. Tive necessidade, na terça-feira, de ir e fui cedo a uma estação proxima.

Foi uma luta para entrar no comboio — empurrões, roupa repuchada, um inferno. Consegui transpôr a porta, alinhei a roupa, tirei o pince-nez e corri os olhos por sobre aquella multidão. Nesse instante, por excepção, não me lembrei da menina do “dominó” branco e preto.

Comecei a ler as noticias do dia. Todos os jornaes estavam dedicados a Deus Momo. Era só carnaval, clubs, ranchos, cordões, palpites sobre a victoria, dos heroes do castello, da caverna, do poleiro. Estava de pé por falta de logar, afflictiva situação de toda a gente que precisa de viajar na Central, encos-



tado numa das poltronas do carro para amparar-me dos balanços e choques na chegada e partida de cada estação. Numa dessas tiradas, fui de encontro a uma dama, que vinha assentada na poltrona em frente. Pedi-lhe perdão, como era do meu dever, por ter-lhe causado esse aborrecimento, involuntario.

“Não tenho que lhe desculpar, reparei bem que nenhuma culpa teve: — o Sr. foi saccudido pelos impulsos do machinista”.

Não consegui, ouvindo tão conhecida voz, reconhecer a pessoa. Trazia um cloche moderno, elegante, tão puchado á frente que ninguém lhe enxergava o rosto. Reparei, com surpresa, que essa dama levava uma pequena espingarda embrulhada e um outro embrulho que me pareceu de cartuchos; um pandeirosinho carnavalesco, todos os jornaes do dia, todas as revistas.

Com todo o cuidado, para não soffrer qualquer decepção, continuei na minha pesquisa.

Levava tambem uma pequena bolsa de viagem. Essa creatura elegante, vestia toda de preto, e, apesar da intensa canicula, calçava luvas de pellica da mesma côr. A alta temperatura do carro obrigou-a a descalçar as luvas, mostrando assim as suas lindas e bem tratadas mãos.

Cada vez mais ella escondia o rosto. Lembrei-me nesse momento, de um amigo que me contara a historia de uma velha, que se fizera passar por moça, durante longas horas, e que, quando foi reconhecida, ria-se, a bom rir, pelo logro que passara aos seus admiradores...

Um pequeno incidente entre passageiros, levou a dama de preto a levantar a cabeça.

Foi uma scena rapida.

A seu lado ficou vago o logar até então occupado por uma passageira.

Tomei-o para descansar do tempo que já viajava de pé.

Ahi o sol radiante crestava-me a pelle.

Tentei descêr a janella do carro. Inutilmente, porque as molas não funcionavam. A dama presente acompanhava os meus gestos.

Mas apenas eu me movesse para seu lado e ella logo enterrava a cabeça pelo regaço a dentro. Fiz novas tentativas. Por debaixo do cloche pendiam fios de ouro, enrendilhado toda a golla do vestido negro. Nestes tempos, uma mulher de cabellos virgens!

Mas, aguçando o meu desejo de lhe ver o rosto, os olhos.

Que era moça e bem moça já não havia mais duvida.

Os seus lindos cabellos, o seu collo, eram de joven. O comboio caminhava, celere, e o ponto do meu desembarque se avisinhava. A minha afflicção augmentava á proporção que a marcha do trem se desenvolvia. De suas mãos, sem proposito, cahiu um pequeno embrulho. Apanhei-o. Agradeceu-me num sorriso discreto. Perguntei-lhe: — Vae para a proxima estação?

— Não senhor, vou á Belém, ao encontro de pessoas que descem de S. Paulo. E a senhora deixa o Rio nesta época? Sim, de Belém, seguiremos todos para Estação de Miguel Pereira. Este anno não me divirto. Perdi ha pouco uma pessoa muito querida, estou, como vê de luto.

E demais, me diverti tanto no ultimo carnaval, que não faz mal que descance neste.



— Pelo que vejo essa festa popular não lhe desagrada.

— Confesso-lhe que guardo vivas recordações do anno passado. Eu e duas primas, no segundo dia, passamos muitos trotes.

Nesse instante, a dama abriu a maleta e pretendeu collocar dentro da mesma o embrulho das balas para espingarda. A maleta estava cheia de mais. Ella fazia força para fechá-la, empregava esforços, e arrumava, desarrumava. Nessas vira-voltas, tive occasião de reconhecer dentro da bolsa a mascara de seda pequena e côr de rosa, com que se fantasiara no anno passado, e sem que ella me solicitasse, peguei em ambos os lados da maleta e fechei-a com toda a força!

— Muito obrigada!

— Não ha de que.

Olhei para ella em cheio. Era a menina do domo branco e preto!

— Agora o reconheço, disse-me. Ha um anno que penso no senhor.

O comboio parava na minha estação. Beijeilhe as mãos tremulas, e o trem partiu...

Acompanhei, encostado á columna da plataforma, o movimento suave e doce daquelles olhos azues do paiz de Galles num adeus de affectuosa despedida...

## NO VELHO "SOLAR"

Blanchette amava o grande escriptor. Para ella, sómente aquelle homem, aquelle excepcional espirito de saber e de cultura, poderia satisfazer aos seus anhelos de felicidade. Ser esposa do genio, era o seu grande sonho. No seu espirito de moça, com todos os requintes de educação e de belleza, só havia a preocupação de um dia arrumar, desarrumar immensas estantes de livros de todos os autores do mundo e pensava: Que maravilha — folhear os sabios, aprender-lhes as grandes lições, repetir os seus ensinamentos no meio dos mestres, discutir com o proprio marido!

E com todas essas idéas, vendo livros por todos os lados, Blanchette não buscava outras distrações.

Seu bello typo de mulher estrangeira e a sua despreocupação pelo flirt, chamavam a attenção dos jovens calças largas. No foot-ball, onde só se cuida da torcida pela victoria do nosso favorito, os seus grandes olhos, azues-verdes, falavam e perturbavam os marmanjos semi-nús do campo de combate.

Apesar dessa grande força, Blanchette parecia não confiar bem no seu poder de seducção, nesse mixto



de doçura e perigo — azul do céu — e verde dos mares bravios — que esses lindos olhos exprimiam.

O sabio tambem gostava de Blanchette. Acostumado a vencer pela palavra e pela penna, não se julgava um triumphador nos amores.

Os olhos de Blanchette, cuja duplicidade de côres, elle primeiro que nenhum outro descobrira e classificára, lhe tomavam uma grande parte do tempo de seus multiplos misteres. Sahia e entrava na Côte sempre com a joven loira no espirito.

Procurava encobrir aquillo que todos os seus intimos de sobra já conheciam.

O telephone é, ás vezes, de uma indiscreção perigosa. O sabio fôra pilhado, vezes seguidas, em doce convivio, pelo fio, com a menina de seus amores.

Blanchette, quem com ella trocasse a fortuna do convivio, não a acreditava uma mulher de paixões violentas. Os seus modos simples e sempre muito comedidos, escondiam os seus sentimentos amorosos.

Durante uma visita que Blanchette fizera a umas amigas, num velho solar, com grande surpresa sua, ali já encontrava o sabio, que desde muitas horas maravilhava os velhos fidalgos da sociedade com as luzes de seu grande e privilegiado talento.

A attenção de que cercavam o Mestre para ouvir-lhe as narrativas numa torrente de phrases novas, era tal que Blanchette entrou no vasto salão de palestra sem ser presentida. Orgulhosa, como todas as mulheres, sentiu-se diminuida por não ter sido recebida com as homenagens a que sua belleza e seus dotes de espirito lhe davam todo direito. Notada a sua presença foi o sabio o primeiro a lhe dirigir palavras de carinho pela sua chegada, desculpando-se e aos de-

mais pela falta, inteiramente involuntaria de todos, de não a terem recebido na entrada do solar, culpando-a por não ter ella se feito annunciar. A sessão litteraria recomeçou, dissertando o sabio e mestre sobre o poder das pessoas que possuem olhos de mais de uma côr, ou melhor, das pessoas que possuem um de cada côr.

E referindo-se aos olhos de Blanchette disse que ali presente estava a portadora de um par dos que elle acabava de referir e explicar.

Chamou-os de "azues-verdes", pessoa feliz, que possuindo essas duas contas, tão raras e tão bellas, era senhora de um singular poder sobre os homens, mesmo os mais indifferentes, os mais endiabrados. Blanchette desde a entrada no solar, preoccupou-se com as attensões do sabio para com uma joven saltitante de graça e de espirito. Embora fizesse todo o esforço para esconder o seu verdadeiro estado d'alma, Blanchette deixava-se trahir a todo o instante.

Todos lhe notavam a falta do riso natural, sentiam que a senhorita estava contrafeita. Mulher de grande intelligencia, procurou desfazer o effeito que a sua attitude espalhara naquelle ambiente.

Esriptora tambem e de palavra facil, combateu a opinião do Mestre sobre as pessoas que tem em seus olhos mais de uma côr. Na sua opinião, essa diversidade de côres não davam, ao seu possuidor nenhum poder nem preferencia. Não acreditava nesse poder, de que o Mestre acabára de falar. Tudo isso era, dizia, a arte dos homens para namorar todas as mulheres, e enganar-as em seguida. E sem que se pudesse conter, inteiramente dominada pelo espirito de Othelo, usou de uma phrase — que a todos surprehendeu: — O Sr. que pretendeu descrever o poder e as luzes de



meus olhos, troçando, abusando dos seus talentos, vae ouvir tambem a pura verdade sobre os seus:

— “O Sr. tem olhos de punhaes!” E aquella mulher tão calma, tão altaneira deixou-se trahir pelas glandulas lacrimaes que em grossas bagas de saes liquidos lhe humedeceram as faces rosadas... Blanchette usou da arma de todas as mulheres, quando querem vencer, e o sabio, que vive mais do espirito que do coração, gosou mais uma noite de triumpho completo...

## FEITIÇO OU XODO' ?

Sempre ouvi dizer que ha “tempero” para prender um homem a uma mulher ou vice-versa.

A policia toda vez que recebe qualquer denuncia contra esses antros, onde se explora a credulidade publica, varre-os ás vezes até a bala. Na busca que se segue á prisão desses nefastos criminosos, a autoridade encontra coisas exquisitas, objectos intimos de senhoras, pés de meias de ambos os sexos, ossos de moradores de além tumulo, plantas de essencias fortes, etc..

Nunca pude dar o menor credito a esse poder e muito menos acreditar que algum homem ou mulher desejasse trazer alguem, contra a sua vontade, amarrado a seus pés. Seria isso uma coisa mais que ignobil. Ha, no entanto, factos que nos preoccupam e que nos fazem ás vezes vacillar.

Ha uniões tão desiguaes, tão injustas, tão desconformes, principalmente no mundo dos amantes livres, que deixam que pensar.

Conheci, na rua Municipal, gerente de uma casa de commissões de café, ha annos passados, um guapo rapaz, muito bohemio, endinheirado, velho frequentador dos theatros, onde naquelle tempo se reunia o que



havia de mais selecto no genero feminino, que se apaixonou por uma preta, typo vulgar, e que sobre elle exercia um dominio absoluto.

Algumas vezes eu mesmo, com certa maneira, lhe quiz dar um conselho, e esse cavalheiro nem me acabava de ouvir.

A preta dava escandalos colossaes, embriagava-se e o excellente bohemio não se alterava. De facto, esse homem era um prisioneiro, porque não se pôde conceber uma paixão tão desigual.

E esse escandalo durou bastante tempo, tendo esse pobre rapaz perdido toda a sua posição no seio da classe commercial, porque acabou, talvez pelos desgostos diarios, entregando-se ao vicio da embriaguez.

Quando essa rapariga morreu, elle aprumou-se novamente, mas já abatido, melancolico, sem alegria, era outro homem, e já agora forrado de uma austeridade invulgar. São innumeros os casos congeneres. Ha poucos dias eu viajava num auto-omnibus da Companhia Brasileira e a meu lado viajava tambem um cavalheiro bem enroupado e que, talvez por cansaço, de quando em vez cochilava e, neste estado, de manifesta, irresponsabilidade, deixava o seu corpo pesado pender para cima do meu hombro. Tanto quando era possivel eu tolerei esses descuidos de Morpheu, mas como o lamentavel descuido fosse tomando ares de coisa normal, tive que chamal-o á ordem e accrescentei: Ainda se o senhor fosse uma joven e bonita, vá lá, mas um barbado, marmanjão, não é razoavel.

O homem pediu-me mil desculpas e disse-me: Odeio ás mulheres; sou casado, tendo seis filhos, o mais velho é aquelle que vae ali ao lado, tem 9 annos. Sou bem feliz com a minha mulher. Paradoxal.

Muito feliz com a sua mulher e odiava as mulheres? Fiquei devéras intrigado.

No seu semblante, até então fechado, appareceram os primeiros signaes de mudança e de uma maneira sympathica.

O homem queria falar.

Tomei-o, á principio, por um desses typos de bonde, que soffrendo de neurasthenia gostam de encontrar uma victima para uma sécca, e lá vae vida inteira, a belleza de seu primeiro ou ultimo filho, menino prodigio, intelligencia nunca vista, sua esposa um modelo de virtudes, vizinhos terriveis, um pouco de politica regional e coisas semelhantes.

Mas nada disso. Era uma alma em agonia.

Olhe, Sr., sou um funcionario publico. Sempre vivi muito bem com minha mulher e meus filhos. Móro no Engenho de Dentro, ha muito, e sou ali muito conhecido, onde tenho credito e amigos.

Toda minha familia reside naquelle bairro.

Gosto muito de jogar o poker. Como o Sr. sabe ou deve saber neste meio fazem-se relações geralmente boas, porque o poker é um jogo de sociedade, permittido pelas leis do paiz.

Naquella excellente roda eu conheci uma moça, viuva, que, sem ser bella, tinha attractivos que á força de jogar sempre foi-me entrando no coração, fui-me deixando *seduzir* e certa vez convidei-a para um passeio a sós e ella accedeu.

Hora infeliz, senhor.

Levou-me primeiro á sua casa onde tomei uma pequena chicara de café. Desde esse momento não tive mais socego. Nunca mais pude passar um minuto sem essa mulher. Esqueci minha pobre esposa e meus queridos filhinhos.



Quero me afastar da serpente e não posso. Ella trata-me com a maior aspereza. Como sabe que sou casado, volta e meia diz-me: Vá-se embora, vá cuidar de seus filhos. Ameaça-me, e quanto mais ella me desfere esses golpes, mais eu me sinto preso. Depois faz-me carinhos, e é neste momento que por ella sinto a maior repulsa. Sou um escravo, contra minha vontade, crea.

— E' porque o Sr. não tem mesmo vontade, acredito.

— Não Sr., tenho toda vontade, sou um homem de brio. Vivo envergonhado. Não tenho forças, estou preso.

Agora mesmo venho de uma sessão espirita na rua Jorge Rudge.

Fui vêr se por intermedio daquelle centro consigo libertar-me.

A's vezes, disse-me, peço a Deus que um bonde me corte ao meio.

— O Sr., respondi, queixa-se de um mal de que muita gente deseja soffrer. A vida, como o Sr. sabe, minutos e feliz daquelle que póde aproveitar esses dois minutos, pensando no sexo bello...

Viver preocupado com uma mulher, tel-a no coração, no espirito, francamente deve ser uma delicia...

— O Sr. está tripudiando.

— Não seria capaz. Eu lhe contaria um episodio relativo ao seu caso, se o Sr. me promettesse não se zangar.

— Fale, Sr.

— Ouça-me. Esta historia de feitiço é lá pr'a homens da provincia, ou melhor para os trouxas — não

ha feitiço, não ha nada. O que ha é xodó. A mulher tem encantos...

Olhe, cada um de nós tem uma attracção instinctiva pelo perfume de certas mulheres.

Quando sentimos esse perfume ficamos embriagados e presos por elle.

Essa mulher de quem o Sr. tão amargamente se queixa, tem esse delicioso perfume, creia.

Quando o Sr. encontrar outra com o mesmo perfume e mais moça terá o seu mal inteiramente augmentado, ao em vez de curado.

O auto vinha chegando ao Meyer. Despedi-me do rapaz, devéras compadecido, e fiquei pensando: que haverá em tudo isso — feitiço ou xodó? A mulher é mesmo um caso sério. Ellas governam o mundo e até o grande Napoleão foi por ellas governado.

Emfim, antes governado por ellas, com todo seu egoismo, que por um máo presidente. O Sr. não acha leitor amigo?



## ENTRE O AMOR E O DEVER

Desde o dia de seu casamento com a pessoa que não fôra nunca o seu ideal, a linda gaucha soffria e experimentava as torturas da saudade daquelle joven que ella conhecera numa tarde de verão, na Paulicéa.

Vivia, por isso mesmo, num acabrunhamento que não sabia ou não podia esconder.

Seu marido, rapaz forte, de apparencia sadia, era um poço de orgulho e tinha a mania de importancia.

Não attendia aos conselhos de ninguem, sendo muitas vezes ridicularizado pelos proprios companheiros.

A esposa mulher de fina e rara educação, soffria horivelmente com essas gaffes do marido, cuja vaidade morbida se tornava um grande pesadello em seu espirito, já tão conturbado pelo natural arrependimento de quem se cassára para satisfazer sómente aos desejos de seus progenitores, que só tardiamente comprehenderam o desastre da selecção e escolha do genro, cheio de dinheiro e de roupas.

Era preciso sustentar aquelle estado de coisas para manter o nome da familia, em cujo seio não havia



até aquelle tempo um só caso que destoasse da sua linha de costumes severos.

Marilia poucas vezes sahia á rua.

Seu divertimento principal era o cinema. Neste, encontrava, ás vezes, o balsamo para os seus grandes males.

Na téla, de facto, ha remedio para todos os enfermos, principalmente os do coração. Ou arrebatam de vez com aquellas tragedias brutaes, muito ao sabor dos americanos, ou esses excessos desapertando os nervos os fazem voltar ao estado normal.

O que é certo é que Marilia já parecia mais conformada com a sua situação. Nascera-lhe o primeiro filho, uma formosa criança, de olhos pretos, iguaes aos de sua mãe.

Marilia estava radiante — agora já tinha o seu companheiro, iria ter caricias inegalaveis. O orgulho de seu marido crescia, e por isso mesmo até os velhos amigos já não o procuravam.

A casa vivia sem visitas. Todos fugiam. Do coração de Marilia nunca sahiu aquelle rapaz que ella conhecera na Paulicéa. Viviam num dos ricos arrabaldes desta Capital, depois de terem deixado a terra da rubiacea para onde, em commissão, fôra por tempo determinado servir, o cavalheiro do orgulho, que era um alto funcionario federal.

Marilia não faltava ás missas da Gloria, no outeiro do mesmo nome, aos domingos, pela manhã. Num destes dias no cruzamento dos bondes, Marilia, que trazia ao collo o pequerrucho, de faces rosadas, viu aquella figura, que ha cerca de quatro annos lhe tomava todos os momentos — morava mesmo no seu espirito. Ella sentiu que fôra bem reconhecida. Os bondes desapareceram.

O coração de Marilia pulsava em desordem. Toda aquella alma estava saccudida por uma alegria sem limites. Esquecêra até de descer...

Voltou á Gloria; assistiu á missa e rezou com o maior fervor.

De volta para a casa, viu-se assaltada pelo temor de não ser querida por aquelle homem a quem não soubera corresponder! Mas, hoje era uma senhora casada, não podia pensar mais nelle.

A sua familia. Seu marido era o pae de seu filho, esse entesinho que lhe suavizava horas de dores incontaveis. Que afflicção, santo Deus.

Como eu hei de esquecer aquelle homem, que nunca sahiu do meu coração?!

E toda a noite passou-a em claro, não pregou olhos. Eram 8 horas da manhã e seu marido ainda não havia chegado. Marilia não notára a sua falta, que era a primeira...

Chegou ás 9. Desculpou-se e a desculpa foi aceita. Gilberto comprehendeu o desprezo de sua mulher, mas por orgulho não se quiz corrigir.

Continuou a fazer as suas noitadas no jogo e dizia: ou se conforma ou vae viver com os paes.

Marilia nunca lhe fez a menor ponderação. Ibsen era velho frequentador dos cinemas. Aquelle encontro tinha-lhe despertado o desejo de ver novamente aquella creatura, com quem noutros tempos desejára casar-se. Mas como descobril-a?

Arrependia-se de não ter saltado do bonde naquelle domingo, tomando aquelle em que ella viajava. Fôra um cobarde, ou pelo menos um fraco. Mas tambem estava na duvida de ser ou não bem sucedido. E que podia elle esperar daquella mulher hoje casada e já com um filhinho? Entrou no cinema.



Sentou-se, começou a ler a Noite.

Era intenso o movimento de entradas.

Já desinteressado da leitura do apreciado vespertino, olhou em frente e viu num grupo aquella mulher que lhe acabara de virar a cabeça. Estava preso. Marilia, já agora segura de seu completo triumpho, concedia, ás escondidas, uns olhares que só os amantes pensam que os outros não percebem.

No fundo de sua alma Marilia agradecia a sua immensa felicidade naquelle momento.

Sua belleza fascinava. Nos intervallos de luz, toda a grande assembléa se embebia na belleza daquelles olhos incompareveis. Sua radiante alegria parece que se communicava a toda aquella multidão. Sua pelle branca, seus dentes alvissimos, seus cabelos negros, ondulados, formavam um conjuncto regular, que dominava.

Era um typo de rara seducção.

Ibsen, homem fútil, ficára como um papagaio mudo, sem coragem. Quando Marilia por sobre elle lançava os seus lindos olhos, Ibsen tremia, empallidecia...

Na estupefação em que se encontrou, Ibsen novamente perdeu de vista a mulher que elle amava. O cinema esvaziou-se e Ibsen continuou sentado no mesmo lugar... Mas tarde, quando Ibsen novamente desanimára de tornar a ver aquella creatura, recebeu no posto de trabalho uma inesperada e desconhecida visita feminina — por signal que igualmente bonita — e que, entregando-lhe um bilhete sem assignatura, não lhe deu tempo a qualquer pergunta e retirou-se. Ibsen reconheceu a letra.

Fôra alli marcado um encontro.

A ultima amendoeira da rua de Santa Luzia foi a unica testemunha dessa hora de grande surpresa.

Em automovel fechado, Ibsen foi ao encontro de Marilia. Impaciente e tremulo Ibsen passeava dum lado para outro. Tinha passado alguns minutos da hora marcada. De um becco proximo, vestindo um lindo capote branco e chapéu chileno da mesma côr e abas largas, Marilia surge, risonha. Entra no carro e começa pedindo a Ibsen para não continuar a dizer que "*não podia se esquecer della*". Que errou casando-se com um homem de quem não gostava e não gosta e de quem jamais gostaria, mas é mãe e esposa. Que esses rumores — de que não pode ser esquecida por elle Ibsen —, já chegaram até á sua casa. Supplicava-lhe...

Ibsen está absorto. Ainda não tinha tomado pé na realidade desse sonho.

Subito, como quem accordava dessa lethargia que vem de longe, agarra as mãos frias de Marilia e diz-lhe: Como eu posso fazer o que você me pede se não vivo se não por sua causa?

Comprehendo bem a sua situação, mas o seu proprio marido tem justificado qualquer attitude que por ventura você venha a tomar. Não, não me posso conformar — já agora o peccado, ainda que pelo pensamento esteja praticado. Você vae voltar, vae buscar o filhinho querido que eu o receberei como se fôra o meu proprio filho e vamos fugir.

Marila inão respondeu. Ao ouvir aquellas palavras d'aquelle a quem tanto amava, travou-se no seu intimo a luta formidavel entre o amor e o dever — estaria morta para a sociedade, seu filho lhe seria arrebatado por seu pae, ella mesma aos olhos de Ibsen,



seria sempre uma mulher faltosa. Mas como viver com o homem que lhe impuseram, por quem nada sentia e de quem conservava tão fundas maguas?

Como deixar o homem por amor de quem vivera cerca de quatro annos de esperanças e de saudades?

Luta tremenda. Alma combalida pelas vicissitudes dessa existencia attribulada. Marilia não poude resistir.

Desfalleceu. Ibsen comprehendeu a nobreza d'aquella alma. Soffrendo tanto quanto ella, approou o carro para a residencia de Marilia e a entregou, ainda desaccordada, ás caricias de seu filhinho e aos carinhos de sua familia. O chauffeur, que era o proprio Ibsen, para evitar qualquer suspeita declarou á familia penalizada pela enfermidade de Marilia que esta, tomando o seu carro, lhe pedira que tocasse a toda pressa para a sua residencia, pois sentia-se mal e sem forças...

Ibsen ao deixar aquella casa teve todas as fraquezas de cupido, e nunca mais encontrou a mulher do seu ideal...

## LIBERDADE E VOTO FEMININO

As mulheres, desde a antiga Roma, fazem um incessante trabalho para gozar de liberdade igual aos homens.

De coisa — objecto — que eram naquelles tempos passaram, com a evolução social tão necessaria á organização do mundo, a imperar no ar e nos salões.

Mas ainda não estão satisfeitas.

Na Turquia, o terrivel captiveiro das odaliscas, sujeitas á preferencia senil do sultão, sem nenhum direito perante a sociedade, teve o seu fim.

A transformação por que passou o velho e atrazado imperio, hoje republica sob a presidencia de um homem educado na Europa, veio realizar o sonho secular das mulheres ottomanas.

Um dos primeiros actos de Mustaphá Kemal foi acabar com aquella immoralidade de Harem.

As mulheres turcas, que traziam o rosto coberto, só deixando ver os olhos, hoje apparecem vestidas á



européa ou americana, cabellos cortados, vestidos leves por sobre sombras rendilhadas, unhas pintadas, ligeiro carmin nas faces assetinadas.

Os olhos das mulheres turcas são afamados. Na primeira exhibição de toilette por toda a Constantinopla, os turcos sentiram-se, em começo, revoltados, mas a coisa é tão boa que até os mais exigentes limitavam-se a tapar os olhos com os dedos das mãos bem abertos! Os mais velhos, ainda não se conformaram inteiramente com essa realidade.

Ha mesmo noticia de episodios chocantes.

Alguns Paschás, até então partidarios de Kemal, actual reformador da Turquia, são hoje seus desaffectos e lhe atiram pesados epithetos.

Um dos seus mais intimos que não se conformára com as novas leis, possuía uma excellente e luxuosa propriedade nos arrabaldes de Angorá, tendo nella nada menos de duas duzias de esposas — a mais velha das quaes não contava mais de 20 annos!

Não podendo se rebellar contra a obra gigantesca do civilizador do imperio Ottomano, tomou a resolução extrema de desaparecer, de uma maneira verdadeiramente tragica, levando em sua companhia todos aquelles entes queridos dos quaes elle não se podia separar. Determinou que o seu palacio fosse enfeitado das flores mais esquisitas e mais perfumadas e em quantidade, sem exemplo; que interna e externamente houvesse intensa profusão de luzes de maneira a attrahir, a chamar a attenção como coisa nunca vista; que fossem servidos no banquete os mais finos e deliciosos vinhos espumantes; que no jardim tocasse uma orchestra de muitos professores.

Para essa excepcional festa sómente foi convidado o representante de um grande orgão londrino, de maneira que entre aquellas esposas, e mais as creadas que serviam á mesa, estavam dois homens, — o esposo e o correspondente referido. Ao terminar o banquete, Pachá serviu primeiro ao correspondente o mais fino champagne russo, e em seguida encheu as taças das esposas de licor, bebida da qual tambem fez uso por fim. Com surpresa para o frio e elegante inglez, todas aquellas senhoras, até então lindas e alegre passaram a ficar lividas, immoveis, tornando-se de rosadas que eram, a apresentar a côr dos mortos. Reparando para o Pachá, que tambem adormecera como por encanto, ficou espantado e gritou por soccorro. Os musicos, que a custo arrombaram as pesadas portas que davam ingresso ao salão de banquete constatarem a scena da passagem deste para o outro mundo, e renderam suas homenagens, a todas aquellas victimas da belleza e do egoismo, sacrificadas. Como era natural, em toda a Turquia, esse gesto do intimo de Kemal teve larga repercussão e mais reforçou a decisão firme do chefe do Estado. Foi considerado esse acto como o grande sacrificio pela liberdade das mulheres mussulmanas.

No mundo inteiro a mulher surge em todos os ramos da actividade humana numa concorrência séria ao homem. A mulher já culmina nas letras, no parlamento, nas sciencias, no commercio, nos estabelecimentos bancários, nas artes, nos theatros, na téla.

A instrucção tem-lhes aberto a porta á felicidade. Não estão satisfeitas. Querem votar. Do Rio Grande do Norte partiu o primeiro acto para essa conquista feminina. A velharia do Senado, assustada, negou-lhes apoio. A semente ficou e é pois uma victoria em caminho.



Não é facil corromper o voto das mulheres.

São caprichosas... Os governos sabem que é um barulho serio com as saias modernas. Já têm saias os juizes e os padres.

Estes já dão que fazer. Um escriptor moderno, em artigo recente no "Correio da Manhã", deu a sua opinião contraria á participação da mulher nas eleições. Desenvolveu uma logica familiar acceitavel para demontsrar o desacerto das mulheres nas secções eleitoraes mettidos em meio de capadocios, faccinorras e malandros.

E' inutil qualquer tentativa em contrario. Ellas querem e é quanto basta. Póde ser que melhore o systema do voto pelo respeito natural que a presença da mulher infunde.

Se aquelles senadores não fossem tão egoistas e tão medrosos teriam, pelo menos, a titulo de experiencia, concordado com o situacionismo norte-riogren-dense. Se a applicação da nova lei não desse bons resultados, elles que votam tudo quanto o governo quer, votariam a sua revogação.

---

Que mais falta para completar a liberdade das mulheres? Já se murmura que têm liberdade de mais...

O que se deve cuidar agora é de um habeas-corpus para os homens, que têm as suas attribuições invadidas pelas mulheres. Ha uma coisa em que, incontestavelmente, os homens estão a cavalleiro dellas — é no toilette —; emquanto ellas se despem publicamente, os homens mantêm as tradições de sua indivi-

dualidade. E ainda não se descobriu o motivo porque o sexo que se quer tornar forte, não procurou, neste particular, sobrepujar os homens. Cada vez se enfraquecem mais, mas devem continuar a ser mulheres, com todos os seus encantos, com todas as suas seducções.



## COSTUMES PROTOCOLLARES

Quanto mais se vive mais se aprende, diz o rifão.

E não ha sabedoria popular mais verdadeira. Os mestres, nas aulas, sempre dizem que quem quizer saber alguma coisa deve estudar toda vida. Ha, porém, assumptos que nos escapam inteiramente á intelligencia e mesmo aos estudos dos melhores autores.

Ser gentil não é coisa que se aprenda.

E' um dom, é uma qualidade que nasce com a pessoa. Ha individuos que quando falam aggridem, mas estão convencidos de que são amáveis.

A humanidade, em geral vive em estado pathologico. E' que cada um soffre por um motivo determinado. A felicidade é coisa muito relativa, porque de uma maneira completa parece que ainda ninguém a experimentou. Não ha cavalheiro casado que não ache uma vida excellente esse acto de união de duas pessoas para a vida e para a morte, mas sem que se lhes faça a menor interrogação vão logo dizendo: "se um dia perder minha santa mulher, não quero saber de outra!"

E' verdade que alguns, mesmo em pleno luto, contrahem novo matrimonio, mas a maioria não volta ao tal meio de felicidade.



Quando falam no recesso da intimidade, elogiam abertamente as doutrinas de Medeiros e Albuquerque: — *casar é bom, mas não casar é melhor.*

A instrução, como grande e decisivo factor do progresso, vem assentando normas novas no mundo civilisado.

Hoje o homem já não vive como quer. Tem deveres a cumprir. Não se póde mais andar como no começo do mundo. Nem mesmo dentro de nossas casas podemos imitar os nossos antepassados.

Só as mulheres gozam dessa liberdade, porque á semelhança de Eva, no Paraíso, usam, como se conhece e goza-se, de vestuários parecidos com aquellas *tangas* daquelle tempo.

Adão foi tentado pelas formas de Eva.

Hoje os homens já não se deixam tentar com a mesma facilidade. Os casamentos escasseiam.

Dizem ellas nos seus excessos, que tudo fazem é em obediencia ás *leis protocollares*. São leis severas, leis em virtude das quaes ellas não se julgam com deveres a certas corteziás outrora communs nos salões, na sociedade.

Antigamente, por exemplo, quando entrava num salão um velho homem de Estado cheio de serviço á sua Patria, ou mesmo modesto ancião, as senhoras, as moças eram as primeiras a se levantarem, como homenagem feminina a esses vultos do passado, ou aos homens politicos. Hoje, não só não se levantam como ainda declaram que os homens não têm direito a essas homenagens; que essas homenagens são devidas a ellas; que na França é a regra protocollar.

Foi precisamente o que, em tempo, ouvimos de uma joven que tivera a attitude desaconselhada na

sociedade brasileira, dizendo que, educada na França, ali aprendera a não render homenagens aos homens, ainda mesmo aos velhos e respeitaveis chefes nacionaes.

Por mais que um "mestre" tentasse, com a finura de seu notavel saber, demonstrar a elegante e bella joven que a França das gloriosas tradições de fidalguia e de nobreza, não pudesse ensinar esse desrespeito aos mais velhos, ella, vencida e ferida no seu orgulho de mulher, estabeleceu o tumulto, tendo dividido a assistencia, na sua maioria composta de senhoritas. Foi um lindo duello linguistico.

Algumas moças tidas até então como muito serenas, outras consideradas como indifferentes a qualquer murmurio, tomaram parte no prelio e discutiram o assumpto acaloradamente.

Uma testemunha ocular teve occasião de apreciar, assim de perto, o genio da mulher do norte.

Parecia mais uma casa do parlamento. Estavam todas agitadas.

Por aquelle bello espectaculo póde-se avaliar o que seria a mulher nas eleições.

A mulher latina no Parlamento daria lições proveitosas ás suffragistas da Inglaterra.

Um pequeno caso, um caso meramente protocollar, no dizer da elegante joven de lindos cabellos negros, foi o bastante para mostrar do zelo que as mulheres têm pelas suas opiniões, erradas ou certas...

Imagine o que não fariam ellas, embora sujeitas a um grave desrespeito, no meio desasseiado de uma secção eleitoral, pela apuração do voto dado em favor de seu escolhido — Santo Deus, um barulhão.



Melle. foi vencida.

A maioria feminina não concordou com as doutrinas da joven educada na capital do mundo.

No assumpto em debate, preferiram continuar os ensinamentos brasileiros.

Melle. não ficou offendida, mas repetiu: para os homens nem agua!

Seus labios tremiam... protocollarmente.

## MARIDOS ALEGRES

Num encontro casual, tres cavalheiros — dois casados e um bohemio — conversavam sobre a fidelidade das esposas.

O bohemio acompanhava a palestra entre os dois chefes de familia, homens de responsabilidade, com verdadeira surpresa.

Pensava o bohemio que só elle podia chegar a casa da amante fóra de horas, não havendo nenhum homem casado capaz de taes faltas.

A confissão expontanea dos dois casados, a serie de faltas pelos mesmos commettidas, com flagrante desrespeito aos deveres conjugaes, deixou no espirito do bohemio a convicção de que as mulheres que se não casam são as mais respeitadas e algumas mesmo mais felizes. A historia ouvida sob o testemunho de um dos elegantes combustores da Avenida Rio Branco, pode-se affirmar foi uma das mais impressionantes em materia de deveres entre marido e mulher. Dois daquelles cavalheiros aguardavam pacientemente um auto-omnibus da Companhia Brasileira, que já se fazia esperar por mais de quarenta minutos. O terceiro flanava pela grande arteria em procura de alguma coisa que o distrahissem ou de alguns olhares



que o desviassem do lar, por mais algumas longas horas.

A atenção dos tres foi em certo momento despertada pela passagem, junto dos mesmos, de um casal deveras interessante.

A mulher, um desses typos fóra do commum, uma verdadeira tentação — moça, linda, bem vestida, bem calçada. Um primor. O cavalheiro, exactamente o contrario. Bastante entrado em annos, mal posto, naturalmente ia ali representando a grande e unida classe dos "coroneis".

A pequena usava fino perfume, Chanel 5, ou outro muito semelhante. Os tres cavalheiros retomaram o fio da conversa.

O mais velho dos tres, pae de alguns filhos já crescidos, contava aos outros: A's vezes entro em casa em companhia do padeiro. Minha pobre mulher não se deitou durante a noite. Nessa hora sinto-me um miseravel. Olho para a minha victima e, envergonhado, disfarço a minha impressão. E a bôa creatura, ao em vez de me recriminar pelas constantes faltas, passa as suas mãos puras por sobre a minha cabeça, dizendo: vamos tomar o café que acaba de ser feito agora mesmo. O meu coração fica aos saltos, tenho arrependimentos e vontade de me tornar um homem digno dessa creatura tão nobre.

A scena é rapida. Tenho o corpo como quem apanhou mesmo de gente grande; passei uma noitada ordinaria, máo meio, com umas ratonas, sem belleza, sem moral, sem coisa nenhuma!...

No mundo de todas estas considerações sou visitado por Morfeu. Quando accordo, mal tenho tempo para tomar um banho frio. O almoço está sobre a mesa. A lingua saborrosa, parece que tenho a Bra-

hma no estomago. A comida não me appetece. A minha victima está alegre, distribuindo pelos filhos os pitéos do dia. Voltando-se para mim, diz:

— Come, filhinho, você parece que está doente — ha tantos dias que você não se alimenta direito, essa abstinencia pode-lhe ser fatal.

Quando me lembro de como foi o nosso namoro, uma coisa tão respeitosa, comparada com o que se faz agora, eu deveria ser bem mais amigo de minha mulher.

Olhe meu amigo, antes de me casar, para ver os tornozellos de minha noiva, creia, cheguei a fazer exercicios de acrobacia. Se naquelle tempo eu tivesse o abdomen crescido como agora o tenho, tel-o-ia diminuido sem a applicação dos methodos em uso pelos systemas mais modernos.

E para concluir, porque o auto não pôde tardar:

— Na vespera do meu casamento, estavamos todos no andar superior da casa do meu sogro.

A creada nos foi chamar para o jantar. Muito de industria deixei que todos fossem descendo. Eu e minha noiva ficamos para o fim.

Eu fingia-me de distrahido. Preoccupava-me com o exame de uma das peças do enxoval.

Quando tive a certeza de que estavamos sós — eu e ella — preguei-lhe o primeiro beijo na testa.

A pequena ficou escarlate, perdeu a fala, quasi teve uma syncope.

Desceu as escadas aos trambolhões. Quando chegámos á mesa todos notaram que teria havido qualquer coisa de anormal entre nós — e a mãe perguntou-lhe: Minha filha, você tem alguma coisa? Nesse momento ella teve o espirito e o encanto de todas as



mulheres — com deliciosa bondade cobriu as falhas cá do dégas.

Mas olhe, meu amigo, toda essa embrulhada foi apenas por um beijo e na testa, na véspera do casamento! E até hoje ella ainda não me perdoou essa falta.

Os tempos estão completamente mudados. Hoje um beijo na testa seria tomado por uma pilheria de máo gosto.

Os beijos de hoje — labios collados — devem ser mesmo mais gostosos...

O bohemio cansado de ouvir todas essas coisas perguntou ao chefe de familia: — E o Sr. já se corrigiu?

— Para lhe dizer a verdade: gosto immenso de minha santa mulher, a quem meus filhos devem a sua excellente educação. Quanto a mim, sou mesmo um caso perdido! Agora já ninguém me levaria a serio se eu dissesse que passei a entrar em casa no mesmo dia em que della sahi.

O outro cavalheiro estava furioso com o tempo perdido nas revelações do companheiro. Olhava para o relógio e dizia: o Sr. comprehende — eu preveni a mulher que ia jantar com o amigo para poder aproveitar bem o tempo e estou aqui preso — Minha esposa é muito feliz e é uma santa, mas deve essa virtude a mim, que a tenho sabido conduzir!

As mulheres sempre foram um enygma...

Parecerá a muita gente que essas duas senhoras são duas victimas.

Puro engano.

São esses maridos alegres os ideaes desses dois corações femininos.

## A MULHER E A GARÇA

Dizia-me hontem na Avenida o sympathico Jeremias: Não ha quem não aprecie as linhas femininas, quem não admire as mulheres nos seus encantos, nas suas meiguices, na sua belleza, e não se submeta ao doce dominio com que ellas prendem os mais fortes, os mais indifferentes.

As mulheres têm um poder singular sobre os homens e, felizmente para estes, ellas, a exemplo do leão, não conhecem a sua força. Não ha valentão, rei, presidente, emfim o homem conhecido como fera humana, que não seja manejado pelas mãos acariciadoras da mulher. A lagrima é a grande arma com que ellas triumpham, recurso, aliás, de que só lançam mão no fim da contenda.

Diante da lagrima o valentão vira creança, os reis e os presidentes desfazem os decretos, os parlamentares emendam as Leis, os ferrabrazes gritam e logo se accommodam. As vezes, nem precisam da lagrima — um olhar, um simples olhar e tudo se modifica.

Estas verdades muitas vezes desagradam, e sempre apparece um ou outro homem que contesta o poderio das mulheres.



Discute o assumpto, conta as suas anedotas, nunca nenhuma mulher o dominou, foi sempre um heroe, amado e até conquistado. Alguns levam longe a sua opinião a mulher não pode ter força sobre o homem, pois que sem este não têm personalidade.

A mulher vem transformando o mundo desde o tempo do fruto prohibido. Adão não teve forças para desviar-se das tentações de Eva. Por ter o homem, a conselho da companheira, comido o fruto do Paraizo, recebeu o castigo de Deus.

Ora, desde o inicio do mundo, como se vê na historia sagrada, já a mulher dispunha do homem. Não é pois, de mais que com a evolução dos seculos a mulher tenha melhorado nas suas condições de dominio sobre o homem. O seu maior poder de seducção estava, não ha quem o conteste, no segredo de suas formas femininas, na elegancia de suas ricas toilettes, na sua distincção pessoal.

Hoje em dia esses attributos que completavam a belleza do sexo fraco não são apreciados. Um barbeiro de Paris empobrecido pela deficiencia de serviço, numa hora de verdadeira felicidade e sómente por espirito commercial, aconselhou a propria esposa que cortasse os cabellos. A nova moda viria salvar a sua classe da ameaça de ruina fatal.

Foi o basante. O espirito de imitação das mulheres em poucos dias fez triumphar o plano bem concebido do artista francez e hoje quasi no mundo inteiro as mulheres se assemelham ao homem do pescoço a cabeça, havendo mesmo algumas confusões não raro desagradaveis.

A moda de cabellos cortados pelo lado da hygiene, pode ter trazido algumas vantagens, mas a admit-

ir essa medida por hygiene importa em grande offensa do sexo de luxo, principalmente no Brasil.

O cabello cortado nas moças não dá nem tira, nas velhas envelhece-as ainda mais. A especulação do artista francez, sacrificando pelos interesses, cabeças respeitaveis, deu-lhes resultados mais que compensadores.

Na Hollanda a moda não entrou. As mulheres daquelle bello paiz não se quizeram escravisar aos interesses dos barbeiros, e ostentam as suas madeixas deliciando os innumeros admiradores de seus longos cabellos sob penteados varios. Quem passou pelos diversos paizes da Europa, desde o velho Portugal, onde até as camponezas se desfizeram dos seus sedosos cabellos compridos, e chega ao paiz dos diques ou comportas, sente uma grande differença e fica admirado da força de vontade das mulheres holandezas.

Com relação ao vestido curto a moda hoje é universal. Ha um verdadeiro descanso pelo corpo. A economia n'algumas sociedades, entrou em auxilio da moda. Gastar pouca fazenda foi um principio bem acceito mas ha o excesso condemnavel que principalmente as nossas patricias não querem comprehender.

Perambulam pelas nossas avenidas moças e até quarentonas com uns canhões horrorosos e com minguido vestidinho acima das rotulas. Esta parte do corpo humano é de si sem a menor elegancia.

A rotulã serve para compor as linhas da junta afim de não prejudicar a belleza das pernas. Ora, esta parte exposta, mesmo aos olhares ingenuos sacrifica as linhas peccaveis ou impeccaveis das assiduas frequentadoras das nossas alamedas. Compreendo que se sacrifique a belleza, por economia, nos paizes onde esta triste verdade seja reclamada, mas para



honra nossa ainda o Brasil não carece de tão duro sacrificio das nossas encantadoras patricias. Longe de aconselharmos os vestidos antigos. Os vestidos curtos, sem excessos, emprestam á mulher um tom de modernismo, vestem com mais elegancia, remocam e provocam admiração em todas as edades.

Os vestidos acima dos joelhos dão a idéa de uma garça doente em dia de forte temporal.

### FORGET ME NOT

O "S. Gottardo" estava atracado no Porto e de viagem marcada para o dia seguinte. O navio referido não pertencia a nenhuma companhia organizada, servia a este ou aquelle armador, fretado por seu proprietario, que d'isso tirava excellentes vantagens. A magnifica nave primava pela limpeza, com boas accommodações para passageiros de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes, e possuia marcha veloz. Por isso mesmo era o navio preferido para as constantes viagens a este porto e ao de Santos, trazendo productos do commercio italiano e levando café, cacáo, borracha e outros artigos da nossa producção e as nossas frutas tropicaes. Numa visita ao paquete tivemos occasião de apreciar a sua bella pintura, as suas linhas impeccaveis e o gosto apurado dos armadores italianos. O seu commandante, velho e experimentado lobo do mar, era tambem um perfeito gentleman. Desejoso de que o seu navio ficasse bem conhecido dos brasileiros, acolhia com esmerado carinho os visitantes nacionaes, proporcionando-lhes o maior conforto a bordo, offerecendo-lhes deliciosos vinhos chiente e outras especialidades da possante nação amiga.



Como nos demorássemos a bordo, assistimos a chegada dos seus passageiros, que destinavam aos varios pontos da Italia precisamente a Genova, Napoles, Florença e Roma. Na hora do jantar, o Sr. commandante, com a mais requintada gentileza, deu-nos um logar a seu lado na mesa principal.

Em frente, numa mesa redonda, jantavam nada menos de oito pessoas de uma só familia. Dentre aquellas, figurava uma joven bastante sympathica, que nos olhava com attenção. Terminado o jantar, o commandante foi ao piano e fez-se ouvir em lindas composições proprias.

Não é de hoje que ouvimos dizer que quando uma creança nasce na terra de Mussolini a sua mãe atira o seu umbigo á parede: se elle fica grudado, o pequeno é musico.

No caso, o umbigo do commandante do "S. Gottardo" deveria ter ficado bem collado á parede. As tradições da Italia, tão conhecidas no mundo inteiro, tiveram o melhor interprete no sympathico lobo do mar.

Foi uma noite quasi inteira de musica e excellente.

Aquella joven que tanto nos reparava, a principio esquivava, fez-se depois querida no salão da bella nave pelas maneiras distinctas, pela sua radiante mocidade e pela excellente voz, privilegio dos que nascem sob o sol da terra dos Garibaldis.

Pela alta madrugada terminou a festa do "São Gottardo". O navio começou nos preparativos para a partida. A nossa lancha estava atracada ao costado desde a nossa chegada. O commandante dava as ultimas ordens.

A nave começava a mover-se.

O commandante estendeu-nos a mão.

Procuramos o portaló. Junto a este estavam varios passageiros, dentre os quaes se destacava a deusa da festa.

Foi a ultima pessoa a quem apertamos a mão, tão fria, que parecia gelada, numa noite de intenso calor.

Iamos descendo a escada e ouvimos estas deliciosas palavras — forget me not. Nunca mais nos sahiu da retina e do coração aquelle typo feminino que se dirigia á Florença.

Passaram-se os annos. Uma grande companhia lyrica annunciava entre os seus notaveis artistas aquelle nome da pequena do "S. Gottardo".

Um natural desejo de rever aquella magrinha creatura nos empolgou desde logo.

Sem outra preocupação que não a de recordar um encontro tão feliz, fomos a estréa da grande companhia.

Ficamos nas primeiras poltronas em frente ao palco.

Logo num dos primeiros quadros da Bohemia apparecia-nos como a sua principal figura — a passageira do "S. Gottardo".

Os nervos da nossa carcassa que já pareciam amortecidos por aquella ausencia de tantos annos, fizeram-se vibrar e foi uma luta tremenda para contel-os.

A artista no desempenho magistral da peça empolgára a platéa do Rio, platéa exigente, que lhe não regateou palmas e palmas, bis, bis e bis.

De algumas vezes notamos que a artista nos olhava com doçura. Parecia-nos a commum bondade de



todos os artistas, sequiosos de applausos para o triumpho de sua carreira. Fomos ao seu camarim.

Antes que pronunciassemos qualquer palavra ella nos interpellou! Tenho como certo que já nos vimos aqui no Rio e a bordo, não estarei com a verdade? Folgo de reconhecer que a senhora não esqueceu de uma noite do "S. Gottardo", noite feliz e de cujos excellentes momentos nunca mais pude esquecer-me. Pelos meus ouvidos sinto sempre aquelle sopro suave da manhã acompanhado daquellas palavras! — Forget me not. Depois de pequena pausa a grande artista continuou: Parti naquella madrugada e fui completar meus estudos em Milão. Ali casei-me e sou feliz. Desejava voltar ao Brasil, o mais bello paiz do mundo — e de onde levei esse delicado sentimento para o qual não ha remedio nem cura — a saudade.

Agora estou, em parte, compensada por este feliz e desejado encontro.

Voltarei á patria no proximo paquete e, de hoje, faço as minhas despedidas definitivas do theatro, meio de que lancei mão e servi-me da intelligencia para poder ter o grande e incoparavel prazer que ora experimento.

E com toda familiaridade, estendendo-nos aquellas mãos — que já não eram frias — como da noite do "S. Gottardo", nos disse em bom e puro portuguez.

"Não te esqueças de mim".

## TÉCO

Na rua principal da Villa, numa casa bastante retirada da via publica, morava o velho delegado do logar. Com elle, residiam todos os membros de sua familia.

O delegado da Villa era um homem respeitado. Não fazia profissão do cargo policial, que só lhe servia de incommodo e não pequeno. Solicito e honesto no desempenho da espinhosa missão, attendia indistinctamente aos que lhe reclamavam o serviço da autoridade.

Naquelle tempo esses cargos eram gratuitos e nem os governos davam o *pro-labore*.

Deligencias de grande monta eram realizadas, ás vezes, durante longos dias, e as autoridades civis despendiam de seu bolso sommas regulares.

Joaquim Armador, nome pelo qual era conhecido da população do municipio, o velho cap. Joaquim Carlos Augusto, vivia de armar as egrejas, fazia caixões e todas as demais obrigações inherentes á profissão. Era um typo semelhante ao velho Moura Carijó. Usava um pequeno cavagnac, e ficava solemne-mente aborrecido quando alguma pessoa lhe fazia



qualquer referencia ao mesmo. Tinha a bóça do policia. A facilidade com que resolvia os casos mais intrincados, a certeza no ataque para descoberta dos roubos, a maneira ponderada e enérgica de interrogar, o tornaram uma grande autoridade. Durante longo tempo em que exerceu a difficil funcção publica a villa dormia tranquilla. O nome do delegado fazia apagar quaesquer explosões no meio elevado ou no seio operario. Na hora de decidir o delegado não tinha preferencias. Era um escravo da Lei.

Entre os seus filhos havia um que lhe era o oposto no genio, no feitio e nos modos.

Téco, só tinha de seu pae a altura e os traços phisionomicos. Joaquim Armador usava nos dias de festas um "balandrau" comprido, chapéu de côco e bengala. Téco tinha horror ás toilettes de seu pae.

Ao contrario d'elle, só usava paletot sacco e calças largas. Não usava collete; vestia camisa branca, de pregas, irreprehensivelmente engommada, collarinho virado de pontas longas, pequena gravatinha de laço bem feito e botinas de polimento.

Sympathico, seductor, excellente prosa, era o terror do sexo feminino. Não perdia uma festa, um baile. Genio alegre e folgazão, Téco era a figura mais querida da antiga Maxambomba. Entendeu de aprender a tocar um instrumento qualquer e dedicou-se a flauta, no qual se tornou exímio musico.

Nunca pensára em occupação para o fim de regular a sua vida. Seu pae só fumava charutos e dos bons.

Téco imitou o seu progenitor e não dava uma folga aos queixos.

Abusava da adoração que lhe dispensavam os seus paes. Viveu assim muitos annos. Com a morte

dos velhos, Téco perdeu o encosto certo e teve que lutar pela existencia. Homem de grande intelligencia, entrou em concurso para uma vaga na Central e foi classificado em 1.º logar e provido do cargo.

Seu genio expansivo e bondoso abriu-lhe novo horizonte na vida publica. Fez carreira rapida, passando por cima de velhos funcionarios. Depois de mais de vinte annos sem noticias do flaneur de Iguassú, vim encontral-o como agente de uma estação. Quasi não o reconheci.

Estava alquebrado, velho, com menos de cinquenta annos, pernas molles, e a cabeça parecia um maço de algodão.

Inteiramente despreoccupado da minha presença, falei-lhe:

— Téco, você como vae?

— Téco, não. Sou Arthur Carlos Augusto, agente da Central.

Téco era um appellido de creança, quando eu vivia a custa de meus paes, de saudosa memoria.

Fez-me rir, ri muito, Téco meio desconcertado, olhava-me impaciente.

— Quem é o Sr.?

— Estás velho, Téco, e desmemoriado, que pena.

Nascemos na mesma terra. Acompanhei a tua rissonha existencia e entrei para o collegio Paris, quando tu de lá sahiás.

Fez um grande esforço, não me reconheceu.

Quando declinei o meu nome o velho bohemio não conteve as lagrimas...

Poucos mezes depois Téco fallecia no ramal de Santa Cruz.

Essas duas creaturas — pae e filho — de tal maneira se infiltraram no coração do povo, pelos seus



actos e feitos, que ainda hoje muito se fala ali do delegado, modelo de exemplares, infelizmente não imitados, e do Téco, mocidade cheia de radiosa e communicativa alegria.

Seus nomes, por isso mesmo não ficaram esquecidos na California Brasileira.

Téco e Joaquim Armador fizeram uma época no municipio limitrophe com a capital da Republica, e ali deixaram fundas saudades.

## FALSA GRANDEZA

Leopoldo e Marcela nasceram na cidade de Aracaty, no nordeste brasileiro. Desde cedo, quando ambos frequentavam os collegios da cidade do sal, sentiram-se feridos pela setta de Cupido traiçoeiro.

Elle deixou a escaldante residencia e foi tentar a vida na cidade de Sobral, terra de Luzia-Homem, do sonho de Domingo Olympio, e ella, sempre chorosa, continuou na sua modesta choupana, confiante nas juras de Leopoldo. Enxotados pelas seccas periodicas que tanto martyrizam os filhos da terra da luz, vieram, mais tarde, encontrar-se nos suburbios desta capital. Uniram-se e dessa feliz união nasceu uma unica filha, a pequena Mercedes, que, apesar de filha de pobres operarios, foi educada com o maior esmero, chegando a obter o grão de professora da Escola Normal. Formada, para orgulho de seus paes, foi provida em uma das escolas como adjunta e, com a sua renda, augmentou o bem estar de seu lar, já bem feliz, pois seu pae conseguira um bom lugar de operario de quadro, com direito a aposentadoria, descanso que a nação reserva para os seus servidores ao fim de tantos annos de trabalhos consecutivos.



Mercedes, bonita e prendada teve varios pretendentes á sua mão. Na casa quem mandava era a filha querida, a quem os paes, num requinte muito brasileiro, transferiram todos os direitos de mando.

Mercedes, genio communicativo, fizera innumeras relações e todas excellentes. A fortuna e a roda foram transformando a filha dos operarios em verdadeira e orgulhosa fidalga. A casa vivia cheia. Seus paes já não eram chamados nem apresentados ás visitas.

De certo tempo em deante Mercedes procurava afastar seus paes de seu convivio

O velho Leopoldo, primeiro que sua esposa, comprehendeu a sua triste e dolorosa situação. Pediu a Deus o descanso para os justos. Pouco tempo resistiu ás ingratidões da filha.

Sua companheira, marcada pelo destino, acompanhou á filha, assistiu ao seu casamento e, como boa mãe, supportou todas as grandezas de Mercedes, creou-lhe os filhos, beijava-os com o carinho de avózinha, que era.

Mercedes não permittia que sua mãe apparecesse ás visitas.

Marcella soffria resignada.

Mercedes não ficou ahí. Queria que sua mãe deixasse o unico tecto — a sua casa.

Sem coragem para maltratá-la, para desferir-lhe o golpe mortal, passou a maltratá-la por palavras, por actos, por desconsiderações seguidas. A pobre velha enfermou, gravemente.

A filha ingrata pediu á Assistencia Publica um carro e mandou-a para o Hospital da Misericordia.

A velha Marcella esteve entre a vida e a morte durante mais de seis mezes, sem uma visita de sua filha professora publica!

Como era natural, uma tão longa enfermidade, embora curada, deixou os nervos da velha em estado desolador. Insomnias, inappetencia, assoberbavam o espirito da pobre convalescente.

Não tendo para onde ir teve que voltar para a casa da filha.

Esta recebeu-a friamente, deu-lhe um pessimo commodo sem ar e sem luz para apressar o termino daquella incommoda existencia. A velha bem comprehendeu os designios de sua filha. Cheia de fome e de cansaço, acceitou a humilhante hospedagem

Pedia a Deus que lhe desse o socego, o descanso. Seus netos não a procuravam por prohibição de sua mãe, essa filha a quem as letras, o meio, a sociedade não conseguiram reformar os máos instinctos a serviço de uma falsa grandeza. Mercedes não tolerava mais a sua pobre mãe.

Um dia, sem nenhum motivo agarrou do braço fragil dessa velha e apontou-lhe o caminho da rua.

Marcella partiu alegre, depois de dizer adeus aos netinhos.

Mercedes, deante dessa partida sem lagrimas, sem recriminações tendo mesmo notado que sua mãe experimentava, depois de tantos soffrimentos uma hora de felicidade, ficou apprehensiva.

A velha partiu. Mercedes pouco depois, como que movida por uma força estranha, deixou a rica residencia e foi com os filhos até ás proximidades do caminho de ferro e viu — com os seus proprios olhos — e aos gritos dos filhos horrorizados, sua pobre mãe atirar-se resoluta á linha — por sobre cujo corpo pas-



sou toda uma composição de cargas e de passageiros!

Comprehendeu enfim o motivo da alegria de sua mãe — que naquella sacrificio encontrára o descanso que vinha implorando ao Creador — e que ella, um pedaço de seu sêr, não lhe soubera ou não lhe quizera proporcionar...

Desde esse dia cessaram em casa de Mercedes as festas, as reuniões.

A professora envelheceu em dias, seus sentimentos filiaes voltaram-lhe a dominar o coração coberto de saudades..

## O MILAGRE E A LENDA

Quem vai ou vem de Petropolis avista desde Caxias, na ida, e do alto da serra na volta a torre branca, em forma de Cupula, da igreja do "Pilar", que fica no 6.º districto de Iguassú. Toda aquella bacia, que vem da Raiz da Serra de Petropolis até o rio Merity, no Estado do Rio, comprehende os rios de Estrella. Pilar, Iguassú, Sarapuhy e Merity, que despejam as suas volumosas aguas para a nossa bahia de Guanabara, sendo o Pilar tributario de Iguassú, onde desagua tambem. No tempo do Imperio todos esses rios, com excepção do Pilar e Merity, eram navegaveis. Havia mesmo intenso movimento no Iguassú, que é de todos o mais volumoso e encachoeirado nas suas nascentes e n'alguns pontos de seu leito, mantendo, permanentemente, o seu calado navegavel, navegação que se estendia até a *Villa de Iguassú*, no lugar denominado "Porto", onde a sua profundidade ia além de seis pés. As cargas, que desciam, das serras para a Metropole, para o abastecimento da população desta, eram embarcadas nesse "Porto" em numerosas lanchas, pranchões, canoas e barcos á vela.



As ruas da Villa, que ainda hoje estão calçadas á pedra de cantaria, ostentavam, naquelle tempo, um movimento de Cidade, com grande numero de Casas Commerciaes, intensas lavouras de café, canna de as-sucar, muitos engenhos de aguardente e alcool, fructos de todas as qualidades, olarias, matadouros de caprinos, bovinos, lanigero, e porcos, de criação nas fazendas de Iguassú, como S. Bernardino, do Com-mendador Soares — e depois dos Mellos, Tinguá, etc. O fóro de Iguassú, onde entre outros illustres Magis-trados teve assento o actual Ministro do Supremo Tri-bunal, Dr. Rodrigo Octavio, era importante não só pelo numero de Causas da antiga Maxambomba e de todo o extenso Iguassú, como de fóra, relativos aos Negocios Commerciaes da Metropole com a "Villa". Nos dias de audiencias, que naquelles tempos eram solemnes o Magistrado era a figura primordial, vene-rada e respeitada, todos lhe disputavam o aperto de mão, a Villa enchia-se de cavalleiros, carros de pas-seio, puchados a excellentes parelhas de animaes, carros de muares, carros de bois bem aparelhados, em numero elevado, transportavam a aguardente e ou-tros productos para o commercio interno ou para o trapiche do Porto, onde ficavam depositados aguar-dando praça nas embarcações para a metropole. Os numerosos titulares da Villa, seus grandes commer-ciantes, o sadvogados do fóro, constituíam ali uma so-ciedade selecta, vivendo alguns no estrangeiro, como o Dr. Souza e Mello, que falleceu em Paris.

A igreja do Pilar é hoje uma reliquia tradiccio-nal dos sentimentos religiosos dos nossos antepassados. Construida pelos jesuitas, ha mais de trezentos annos, está ali perto da estrada Rio Petropolis, fazen-do recordar um longo passado de actos de Caridade

e Religião para uma população tri-secular e que, sem desanimar, ao contrario, enchendo de esperanças os porvindouros e os que ainda sobrevivem e foram tes-temunhas de sua grandeza, de seus altares pintados a ouro, de sua custosa prataria, de suas preciosas al-faias vai assistir e presidir o seu "MILAGRE", de fa-zer voltar aquella diocese ao grande esplendor dos seculos passados. No dia 11 deste mez de Dezembro de 1932, inesperadamente, sem nenhum aviso, sem nenhuma publicação, o chefe da Nação — por effeito da revolução de 1930, acompanhado de seus Minis-tros do Trabalho, da Viação e representante do Mi-nistro do Exterior, das autoridades do Municipio e de seus filhos e moradores, decretou a creação de uma Colonia agricola Federal, na séde da antiga fazenda de S. Bento, em cujas cellulas, durante meio seculo, os Monges pediram a Deus para fazer reviver a terra do grande soldado e estadista, que foi o Duque de Ca-xias, nascido naquelle uberrimo rincão.

Concomitantemente com aquelle "Decreto", o governo ordenou a desobstrução dos rios Iguassú, Sa-rapuhy e Pilar. Alguem seria capaz de duvidar do "Milagre" de nossa senhora do "PILAR", e das ora-ções de S. Bento? O chefe do governo teve, em con-sequencia de seu grande acto de administração e de humanidade: "O seu dia". Recebeu as benções de uma população inteira por intermedio de S. Bento; foi um dia de muitas horas — desde 8 1/2 da manhã até ás 3 horas da tarde — passadas como se fosse um minuto, dentro da terra de seu privilegiado berço — "S. Borja", nome que tomou a Colonia, surgido das Trovas dos filhos dos pampas, que entoavam a mara-vilha harmoniosa da sanfona educada e da viola que chora.



Um excellente cantor de desafio, a moda do Norte, manteve o Presidente esquecido de todas as agruras, de todos os soffrimentos, de todas as attribuições de suas grandes responsabilidades, para viver aquellas horas todas vendo atravez da retina a sua terra querida e unico lugar que a gente não esquece e sempre estremece... Depois, o Presidente, fraternal, falou aos soldados do Rio Grande:

— “Manoel, que mé o teu pae, onde nasceste?”

— “Sou filho do Ribeiro, nasci no 3.º districto de S. Borja”.

— Ah! do outro lado, lembro-me muito delle.

E tu, Adalberto? — Nasci do outro lado do Camaquã — “Conheci muito o teu pae, homem probo e trabalhador, bom companheiro”.

Um sargento vermelho como um papo de peru offereceu o chimarrão ao Presidente.

Recebendo a cuia com a bomba a alegria do homem de Estado era indizível; — nunca o seu sorriso tivera maior expressão.

Empolgado pela saudade, elle desejou saber se esse sentimento, que — lhe prendia toda a alma de gaúcho, também dominava os soldados do churrasco, e perguntou a cada um delles se gostavam mais daqui ou de S. Borja.

Todos responderam pela terra do berço.

A commoção bairrista, nesse instante, se sobrepoz e empolgou o homem de governo...

Depois do churrasco, lembrada a partida por um Ministro, o Presidente consultou o relógio, olhou para os contraneos e disse — ainda é cedo!

Duas horas depois a comitiva partia, entre palmas e vivas.

Lá de S. Borja, no Iguassú, corre a lenda de que, dentre os presente á festa da inauguração do Marco estava um homem desconhecido, alto, barbado, que não se afastou um instante do Presidente, e que fôra reconhecido, afinal, por um velho morador d'aquelle lugar, como sendo um dos Monges, ha muitos annos ali fallecido, sacerdote cheio de virtude e que muito se identificara com o povo e o Mosteiro, e que ali fôra para festejar com os presentes o grande acto do Chefe do Governo, em nome de Deus.



## A LOIRA DO RIACHÃO

O feminismo vai triumphando sempre, e é natural. Basta dizer que o grande Napoleão se deixara dominar pelos encantos da mulher deliciosa. Houve e ainda ha quem o censure. Que mal faz isso?

Nas suas glorias, que foram muitas e de que ainda hoje se fala em Berlim, mais talvez do que na propria França, o povo allemão, em cujos salões de recepção e no mais modesto aposento do cidadão da Prussia conserva sobre o principal movel a effigie de Bonaparte, rende-lhe o preito valioso de sua admiração, mesmo a despeito de seu desmedido orgulho. Ora, já naquelles tempos o culto á mulher bonita era até um dever nacional. Com a evolução por que o mundo inteiro tem passado a mulher — “objecto, cousa”, dos tempos de Roma, pagina virada, ella ressurge, victoriosa, não havendo mais feias, porque a arte de enfeitar, de corrigir, de pintar, se encarregou de idealisar todas as mulheres ás exigencias de todos os Napoleões.

Que difficuldade não teria o maior guerreiro, de seu tempo, se hoje tivesse de, principalmente numa festa centenaria, procurar o seu ideal?



Mais ha ainda que accrescentar: — naquelles tempos, do grande Imperador, as mulheres usavam vestidos compridos, penteados altos, anquinhas, o diabo, para impedir a percepção fiel de suas linhas technicas e harmoniosas...

Hoje, graças ao conflicto economico dos barbeiros e penteadores de Paris, e a crise financeira mundial, a mulher apparece authentica, semi-nua, sem as taes cabelleiras postiças, com as pernas tortas, ou finas á vista, sem os seus admiradores, os seus apaixonados, de maneira que no dia do seu casamento o noivo já não conta com maiores surpresas.

No banho de mar, então, o maillot se encarrega do resto...

Nas tardes do nosso verão é uma delicia passar uma hora nas praias de Copacabana. Nem dá mais vontade de casar, ou então de casar com uma porção dellas...

Não ha espectaculo mais lindo para os homens e, pesa-me dizel-o, — mais deprimente para as mulheres!

Se Napoleão vivesse agora, não teria mais daquellas paixões tão violentas.

De vez em quando surge um chefe de policia com a mania de "*Costumes moralisadores*". Vai elle, em pessoa presidir para corrigir, os excessos nas praias de banho. Faz cara feia no primeiro dia, mostra severidade no segundo, no terceiro começa a extranhar uns calções tão descidos, no quarto dia proibe estes... e vira Napoleão vencido. E', uma lastima diz: — a mulher é um caso serio, ninguem póde com ellas, e ellas vão triumphando sempre!

E ha homens tão fracos que no seu lyrismo apaixonado inventam typos que parecem só existir na sua

doentia imaginação. O Téco, que foi, na antiga Maximbomba, o dandy mais falado no seu tempo, naquelle seu terno azul de calças largas e gravatinha minima de lacinho, contou-me, certo dia, da surpresa que lhe causara uma mulher que vira no theatro estrangeiro.

E na sua simplicidade provinciana descreveu-me o que só em sonho poderia existir.

Tivera atravez de seu inseparavel e birrento monoculo, occasião de chegar a ver as côres do corpo da tal artista, dizendo-me que a sua pelle assetinada era côr de rosa.

E esse sympathico bohemio, que nunca se apaixonara a serio, eu o senti verdadeiramente louco.

Aquelle mulher, de carne côr de rosa, havia mesmo fulminado meu amigo.

Não tendo bens de fortuna, o Téco não triumphou, apesar de suas impecaveis e captivantes qualidades e linhas masculas, por que a mulher admirada não chegou a conhecer o homem das calças largas.

Fiquei desde esse episodio pensando na maravilhosa imaginaria do meu conterraneo.

---

Iguassú tem a sua grande pagina de glorias.

Terra das aguas limpidas e de fructos saborosos, de clima suavissimo, de solo fertil e exuberante, berço de grandes figuras da nacionalidade, povo civilizado e laborioso, de indole ordeira, chegou a um tal estado de decadencia, pelo desprezo de seus administradores, que desapareceu da momenclatura, dos municipios e das cidades, depois de um esplendor incomparavel sendo a sua séde a antiga Villa de Iguas-



sú, o maior centro recebedor das mercadorias de Minas, São Paulo, Estado do Rio para a Metropole e para o mundo inteiro. A formosa Cidade Nova Iguassú chegou a ter, na antiga Maxambomba, todas as suas ruas em abandono e suas casas em ruínas e deshabitadas. Data de 1917 o seu resurgimento.

O administrador que abriu a porta á nova era da terra de Caxias, de Itanhaem, do Barão do Pilar, do Barão de Tinguá, e de outros, teve a preocupação de não crear impostos novos, de não escorchar o contribuinte, que é o factor da principal grandeza das localidades e de seu povo. A cidade se rejuvenesceu, acontecendo o mesmo em todos os povoados do grande municipio.

Aquella administração ligou a séde do municipio á antiga e historica Villa de Iguassú, restabelecendo os seus meios de rapida communicação.

Nos amores, a terra das aguas crystallinas tambem tem a sua boa historia.

O Imperador Pedro I tem, entre Sarapuhy e Pilar, naquella casa, em crimonosas ruínas, enterrado o seu coração, apaixonado e amoroso. Foi alli que mais ardeu o seu grande amor pela Marqueza de Santos, raro typo de belleza da mulher brasileira, cujos encantos e seducções empolgaram o proclamador da nossa independencia, da nossa nacionalidade.

O sonho de Téco resurge numa realidade indissimulavel, esmagadora.

Numa destas manhãs torturado pela nostalgia, vencido pelo cansaço da vida intensa em que me habituei, fui a um dos mais lindos recantos do Brasil —

a Barra de Guaratiba, a famosa restinga da Marambaia, cujo panorama se avista e deslumbra desde a curva bem feita á entrada do povoado daquella encantadora maravilha, e alli tive occasião de apreciar a realidade daquelle mesmo typo que fascinara o bohemio de Iguassú.

Vi, de facto, a mulher descripta por Téco — mulher mesmo —, esguia, matinal, franzina, modelo que nenhum esculptor até hoje exhibiu, formosa, simples, fascinadora.

Seus cabellos louros, bem feitos, seus olhos se confundiam com as côres do mar, revolto, aquelles pés pequeninos, descalços, braços esculpturaes, mãos cujos dedos se afinavam nas extremidades terminando por cuidadas unhas finas.

O seu tronco elegantemente torneado, tinha a amparal-o pernas impecavelmente bem feitas como se fosse uma peça modelar alli encaixada. Sua linda bocca mostrava uma linha de alvissimos dentes regulares.

Francamente, Napoleão foi maior do que se póde pensar!

Mas quem era essa mulher?

.....  
Nasceu no Riachão. Uma authentica filha de Iguassú, da California Brasileira.

Nova Iguassú, 15 de Janeiro de 1933, (no dia do Centenario de Iguassú).

*Jornal do Brasil* — 15-1-933.



## INDICE

	PAGS.
Prefacio. . . . .	5
A gaivota. . . . .	9
Olhos de velludo. . . . .	15
O sargento. . . . .	23
A francezinha. . . . .	29
A força do destino. . . . .	33
O concurso de Galveston. . . . .	41
Menina moça. . . . .	47
Excentricidades Yankes. . . . .	51
A Morena dos Bandeirantes. . . . .	57
O dominó. . . . .	61
Almas iguaes. . . . .	65
Caso sério. . . . .	69
Na terra dos areões. . . . .	73
A ronda da loucura. . . . .	77
"Mãos de ferro". . . . .	83
Iguassú. . . . .	87
Maridos solteiros. . . . .	93
O casamento e a moda. . . . .	97
A mascara cor de rosa. . . . .	101
No velho "solar". . . . .	105
Fetiço ou xodó? . . . . .	109
Entre o amor e o dever. . . . .	115
Liberdade e voto feminino. . . . .	121
Costumes protocollares. . . . .	127
Maridos alegres. . . . .	131
A mulher e a garça. . . . .	135
Forget me not. . . . .	139
Téco. . . . .	143
Falsa grandeza. . . . .	147
O milagre e a lenda. . . . .	151
A loira do Riachão. . . . .	157



